



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELIENE FREIRE DAS NEVES

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS:
VIVENCIANDO EMOÇÕES**

João Pessoa – PB
2020

ELIENE FREIRE DAS NEVES

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS:
VIVENCIANDO EMOÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal da Paraíba, como parte dos
requisitos necessários para a conclusão do curso de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Rique Carício

João Pessoa – PB
2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

N518c Neves, Eliene Freire das.

Contação de histórias nos anos iniciais: vivenciando emoções
Eliene Freire das Neves. - João Pessoa, 2020.
67 f.: il.

Orientação: Márcia Rique Carício.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

Emoções. 2. Contação de história. 3. Educação infantil. I.
Carício, Márcia Rique. II. Título.

UFPB/BC

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELIENE FREIRE DAS NEVES

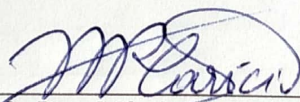
CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS: VIVENCIANDO EMOÇÕES

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

RESULTADO: Aprovada NOTA: 9,5

João Pessoa, 06 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Márcia Rique Carício
Orientadora – UFPB

Prof. Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
Examinadora – UFPB

Prof. Dra. Taísa Caldas Dantas
Examinadora – UFPB

DEDICATÓRIA

A Deus primeiramente, acima de tudo, pela oportunidade de existir e me conceder sabedoria e intelecto para construir este trabalho. Creio que sem Ele nada posso fazer.

Ao casal José Figueiredo e Edenilza Firmino líderes da Igreja Batista Fundamentalista onde congregar por me incentivar em fazer a inscrição para o ENEM, acreditando em minha capacidade e desenvoltura dentro de sala de aula e por acreditar que esse sonho chegaria a ser real muito antes de mim mesmo.

Aos irmãos em Cristo da Igreja Batista Fundamentalista em Manaíra, João Pessoa-PB, pelo apoio, pelas orações, palavras de incentivo, de ânimo e fé. Não citarei nomes para não ser injusta com ninguém;

A minha querida mãe Maria José Freire, mulher forte e guerreira que apesar de ser analfabeta me ensinou sem palavras, porém na prática, a ser corajosa e enfrentar as adversidades da vida, sempre acreditando que até os momentos difíceis nos trazem grandes aprendizados.

O meu esposo George Pereira por todo esforço e dedicação no cumprimento de seu papel como pai e cuidados com nosso filho, para que eu pudesse estudar, pesquisar e concluir o curso. Pelas idas e vindas em me deixar na UFPB e em locais de reunião com grupos de estudos.

As minhas irmãs e irmãos Eliane, Gilvanildo, Edvânia, Elessandra Edilene, Ednalva Diego e Diórgenes que ficam felizes e orgulhosos com o meu crescimento e acreditam em meu potencial como profissional da área de educação.

A meu filho Daniel Freire que sempre esteve presente em meu pensamento durante esse tempo de aprendizagem, sendo assim, meu primeiro aluno como pedagoga. Tudo isso é pelo futuro dele, por acreditar que a educação transforma a sociedade como um todo.

Dedico também aos meus colegas de sala que através das dificuldades e alegrias do dia a dia se tornaram amigos: Marcone Salustiano, José Francisco, Rafaela Cavalcante e Jon Enderson que sempre estiveram comigo apoiando e incentivando quando batia o cansaço, desânimo e a vontade de parar em meio ao caminho. Em especial, sou grata a Jon Enderson que esteve comigo em todos os momentos. Muitas foram as horas de conversas, trocas de experiências e infindáveis risadas regadas de muitos cafezinhos e pipocas. Colegas que apesar de nossas diferenças de crenças, opiniões e temperamentos serei infinitamente grata e os carregarei em meu coração pelo resto da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir essa etapa da minha formação, sou imensamente grata...

À Universidade Federal da Paraíba, ao Centro de Educação e a Coordenação do curso de Pedagogia pelo ambiente inspirador que nunca me deixou duvidar que a área de educação era e é de fato o que eu sempre quis.

A professora M^a Claurênia Silveira que sem perceber, durante a disciplina Língua e Literatura aplicada por ela no sexto período, aguçou-me a vontade em aprender mais sobre Contação de Histórias e desenvolver o tema dessa pesquisa. Minha paixão por literatura, por livros, por leitura de forma geral e a vontade em repassar o que leio para as pessoas teria mesmo que terminar em algo muito entusiasmante para mim: este trabalho.

A professora e orientadora Márcia Rique Carício por ter me apresentado a Educação Emocional, algo tão útil e de grande importância em minha vida pessoal. Esse tema foi um presente que chegou no momento exato, na hora que eu mais precisava entender a importância de conhecer e trabalhar minhas próprias emoções. Sou-lhe grata pelo apoio e orientação ao tema escolhido, leituras necessárias e momentos de acompanhamento que me possibilitou a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos professores do curso de Pedagogia. Àqueles que apesar das dificuldades na área da educação não deixaram de acreditar, assim como Paulo Freire, que a educação não muda o mundo, mas muda as pessoas, que pode transformar realidades, situações e até o mundo. Estes que foram marcantes para mim na prática, na didática e no reforçar de meus ensinamentos sobre a compreensão, o amor, o respeito às diferenças de cada ser e o respeito pelos seres humanos. Estes se fizeram distintos dando exemplo de docentes que se preocupam não apenas com a educação, com o aprendizado dos alunos, mas com o ser humano como um todo. Por isso não deixarei de citar Dimas Lucena, Daniele Dias, M^a Claurênia Silveira, Livaneide Guedes (In memoriam), M^a Adailza Martins, Quesia Vila Flor, Adriana Diniz, Ana Paula Pontes, Erenilza Pereira, M^a de Azeredo, Isabel Marinho, Fernanda Mendes e M^a Aparecida.

Meus sinceros agradecimentos por tornar possível meu sonho como pedagoga e possível contadora de histórias de forma tão especial e significativa.

A todos, meu eterno carinho.

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”

Paulo Freire

NEVES, Eliene Freire, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS: VIVENCIANDO HISTÓRIAS. Orientadora: Profa. Dra. Márcia Rique Carício. João Pessoa: UFPB/CE. 2020. Relatório de Pesquisa. (Licenciatura em Pedagogia)

RESUMO

Tendo em vista que a escola é um lugar de aprendizado, construção de conhecimento e relações interpessoais, o objetivo deste trabalho é identificar emoções durante o processo de contação de histórias em crianças do Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, como base para que o professor/contador possa trabalhar a Educação Emocional no ambiente escolar. Apresentamos o conceito de Contação de Histórias e Educação Emocional e suas contribuições no processo ensino-aprendizagem. Os instrumentos e procedimentos metodológicos utilizados foram: a contação de história, roda de conversa e observação das falas e expressões faciais e corporais das crianças que corroboraram com um vasto levantamento bibliográfico de teóricos das duas áreas. Identificamos que a contação de história não é apenas uma prática de momento para distrair ou manter as crianças quietas, uma vez que, a utilização dessa atividade no currículo escolar pode estimular a imaginação das crianças, aumentando o gosto pela leitura e expandindo seu vocabulário e expressão oral. Assim, ao incluir Educação Emocional na narração de contos e histórias, os professores/contadores poderão trabalhar situações e emoções vivenciadas no dia a dia das crianças de forma sutil e criativa. A construção do material empírico foi realizada com a turma do segundo ano “E” dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental 1 do Ensino Público, no bairro José Américo, João Pessoa-Paraíba.

PALAVRAS- CHAVE: Emoções. Contação de História. Educação Infantil.

NEVES, Eliene Freire, **STORY TELLING IN THE EARLY YEARS: LIVING STORIES**. Advisor: Profa. Dra. Márcia Rique Carício. João Pessoa: UFPB / CE. 2020. Research Report. (Degree in Pedagogy)

ABSTRACT

Bearing in mind that the school is a place for learning, knowledge building and interpersonal relationships, the objective of this work is to identify emotions during the storytelling process in children of the Early Years of Elementary School I, as a basis for the teacher / accountant can work Emotional Education in the school environment. We present the concept of Storytelling and Emotional Education and their contributions to the teaching-learning process. The instruments and methodological procedures used were: storytelling, conversation and observation of the speeches and facial and body expressions of children that corroborated with a vast bibliographical survey of theorists from both areas. We identified that storytelling is not just a momentary practice to distract or keep children quiet, since the use of this activity in the school curriculum can stimulate children's imagination, increasing the taste for reading and expanding their vocabulary and expression oral. Thus, by including Emotional Education in the narration of tales and stories, teachers / accountants will be able to work on situations and emotions experienced in children's daily lives in a subtle and creative way. The construction of the empirical material was carried out with the class of the second year "E" of the Initial Years of Elementary School 1 of Public Education, in the neighborhood José Américo, João Pessoa-Paraíba.

KEYWORDS: Emotions. Storytelling. Child education.

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CE	Centro de Educação
EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PB	Paraíba
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
TCP	Termo de Consentimento da Professora
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTRA DE FIGURAS

FIGURA 1- Frente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Neves da Franca....	33
FIGURA 2- Capa do livro João e Maria.....	36
FIGURA 3- Casinha de Doces confeccionada pela graduanda.....	40
FIGURA 4- Pirulitos João e Maria personalizados.....	41
FIGURA 5- Desenho feito por Ana, 8 anos.....	42
FIGURA 6- Desenho feito por Perla	42
FIGURA 7- Desenho feito por Melina, 7anos.....	43
FIGURA 8- Desenho feito por Silas, 7anos.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MARCO TEÓRICO	15
2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO EMOCIONAL	16
2.1.1 As Emoções e a contação de história	17
2.1.2 Aspectos gerais da contação de história	19
2.1.3 Contação de história e seus conceitos	20
2.1.4 Onde pode-se contar histórias?	22
2.1.5 Recursos utilizados no processo da contação de histórias	23
2.1.6 As contribuições da contação de história no processo da educação	24
2.2 EMOCIONALIDADE E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	25
2.2.1 Conceituando Educação Emocional	27
2.2.2 A contação de história e Educação Emocional como instrumento metodológico na escola	28
3 METODOLOGIA	33
3.1 Objeto de Estudo e Instrumento de Pesquisa	35
3.2 A Escolha de uma História Emocionante	36
3.3 Roda de Conversa e Contação de História: Identificando Emoções	37
3.4. Surpresas, Gosturas e Emoções	40
3.5 Conto João e Maria: Ludicidade e Emoções	41
4 ANÁLISE DE DADOS	44
4.1 Primeira Categoria: As emoções identificadas através das falas das crianças	45
4.2 Segunda Categoria: Expressões faciais e corporais observadas durante a contação de histórias	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A - Requerimento à Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB	57
APÊNDICE B - Autorização da Prefeitura Municipal de João Pessoa	58
APÊNDICE C - Requerimento Encaminhado para Escola Carlos Neves da Franca	59
APÊNDICE D - Termo de Consentimento da Professora da Escola	60
APÊNDICE E - Termo de Não Divulgação de Imagem	61
APÊNDICE F - Plano de Aula Produzido pela Graduanda	62
ANEXO I - Ata da Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso	64
ANEXO II - Declaração de Autoria de Trabalho	65
ANEXO III - Termo de Autorização para Publicação	66
ANEXO IV - Nada Consta na Bibliotecal Central-UFPB	67
ANEXO V - Foto da Graduanda com a Professora e Interpret de LIBRAS	68

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma das atividades mais antigas inventadas pelo ser humano para expressar sentimentos, emoções, ideias e repassar sua cultura aos seus descendentes. Durante séculos o homem encontrou quem escutasse suas crenças, seus mitos, seus costumes e histórias, sendo elas verdadeiras ou não, para serem preservados pelos povos e comunidades. Contar histórias é um fato que ocorre no dia a dia das pessoas de forma natural em qualquer comunidade independente da classe social, da cultura, da nação, como forma de aprender e ensinar sem limitações, como dizem Souza e Bernardino (2011).

Ao cursar as disciplinas de Língua e Literatura e Organização do Trabalho Pedagógico no curso de Pedagogia, interessei-me por Contação de História, visto que já gostava de leitura bem como observar as reações das pessoas enquanto ouvem uma história fictícia ou real e o comportamento das crianças durante essa atividade. No entanto, durante os meus estágios na Educação Infantil ao utilizar a contação de histórias como recurso metodológico, pude assim, observar o quanto essa atividade com os livros cativa a imaginação das crianças, fazendo-as sentir diversas emoções durante essa atividade.

Nesse sentido, aguçou-me algumas inquietações, tais como questionamos: As crianças sentem emoções ao ouvir contação de histórias? Quais emoções podem ser identificadas e trabalhadas no cotidiano escolar durante o processo de contação de histórias para as crianças?

De acordo com Abramovich (1997, p. 17) ouvindo histórias é possível sentir importantes emoções na vida do ser humano como a tristeza, o medo, a raiva, a irritação, a insegurança, a impotência e o que essas emoções fazem brotar ou não. No entanto, se o professor ou contador não preparar e executar essa atividade com prazer, nem permitir que o aluno se manifeste como sujeito, tornando o momento monótono e cansativo, logo o aluno passará a ver a leitura como obrigação ou castigo. Essas emoções citadas pela autora podem ser trabalhadas dentro da sala de aula quando trazidas para o contexto ao qual as crianças vivem, podendo ajuda-las em muitas situações de seu cotidiano. Para isso, ela também menciona situações que podem trabalhar o emocional da criança de forma sutil e agradável, a saber relações familiares, separação, crescimento pessoal, morte e diferentes formas de poder como são temas que podem ser trabalhados. Isso é possível porque muitos contos falam exatamente de medos, amor, da dificuldade de ser criança, de carências, de autodescobertas bem como as perdas e conflitos pessoais.

Refletindo nas primeiras leituras sobre contação de histórias, Abramovick (1997), Coelho (2003), Busatto (2003) e Junqueira de Souza, et al (2015), percebeu-se que ao introduzir a Contação de História como atividade em seu plano de aula, o professor poderá de forma criativa e dinâmica provocar emoções que geram bem-estar pessoal e social nos infantes. Dessa forma, compreendemos que o contador, através da contação, tem como atributo despertar a imaginação de seus ouvintes através das palavras, conduzindo-os a fantasiar, vivenciar emoções e a imensidão de outros mundos sem sair do lugar. Tendo como apoio os conceitos e discussões, em teóricos da Educação Emocional como: Carício (2016), Gonçalves e Lima (2015), Gonsalves Possebon (2017) e Cassasus(2009), buscou-se embasamento que dar suporte para se contar história desenvolvendo a capacidade emocional da criança de compreender melhor sua realidade e o mundo a sua volta.

Diante do exposto, apresentaremos a importância que a Educação Emocional tem dentro da contação de histórias e pode ser inserida e trabalhada em tantas outras atividades, em muitos outros departamentos da escola por ter as emoções como parte do ser humano.

. Em quase todos os autores citados nesse trabalho, acreditam na magia da contação de histórias e na importância do desenvolvimento que ela exerce, por ser recreativa, educativa, instrutiva, interativa, desperta emoções, valoriza sentimentos e como pode-se trabalhar temas éticos, de cidadania, bem como a área emocional.

2 MARCO TEÓRICO

Contar ou ler histórias para as crianças desde pequenas sempre foi de grande importância para despertar nelas o gosto pela leitura e assim contribuir para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Tais ações revelam a importância da Literatura Infantil inclusa nessa atividade, principalmente na fase em que as crianças estão formando seus hábitos, ativando a imaginação e suas emoções. Para o professor/contador esse pode ser um dos melhores momentos para conhecer um pouco mais de cada criança (SOUZA e BERNARDINO, 2011).

Assim sendo, foi necessário entender conceitos sobre contação de histórias, emoções e Educação Emocional. No tocante a contação de histórias Matheus e Souza et al, (2013, p.4) dizem que contar histórias é uma atividade que dentre outras, pode desenvolver o emocional da criança, ajudando-a a se organizar e socializar, além de auxiliá-la no processo de alfabetização. Por isso, os contos de fada e as histórias são considerados um instrumento pedagógico prazeroso e de grande auxílio no processo de construção de aprendizagem da criança. É nesse sentido que se faz necessário enfatizar que a fantasia e a imaginação têm importância fundamental no desenvolvimento da criança. Para isso, é preciso que um contador entenda que:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores, é encantamento...e ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas que uma boa história provoca, (desde que seja boa)... (ABRAMOVICK, 1997, p. 24).

Fanny Abramovich (1997) afirma que essa atividade lúdica, ou seja, contação de história tem grande importância na vida escolar das crianças, por ser o início da aprendizagem de um leitor que terá um caminho de descoberta e compreensão do mundo. No entanto, para que nessa atividade haja grande aprendizagem e descobertas é necessário que tenha uma organização prévia desse momento, desde a escolha do livro, a leitura feita pelo contador, o tom da voz no momento adequado, o ambiente onde o público estar e até os mais variados detalhes visuais que cativem ainda mais a atenção do público.

Enquanto Souza e Bernardino (2011, p. 6) dizem que:

“na interação com as histórias a criança desperta emoções como se as vivenciasse; Estes sentimentos permitem que pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, Além disso, essa interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente”.

Para, tanto esse trabalho foi desenvolvido buscando identificar as emoções nas crianças durante a contação de histórias nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Coelho (2003, p. 26) destaca que:

Quem se propõe a contar uma história, e a estuda tendo em vista as características dos elementos que a compõem, adquire maior confiança, familiariza-se com os personagens, vivencia emoções [...]. Dessa forma, ao introduzir gravuras, fantoches, músicas e articular a entonação da voz, a escolha do livro para a idade adequada essa atividade também tem a função de oferecer as crianças um sentimento de pertencer à cultura e à família aproximando-as afetivamente delas.

É preciso compreender a infância e defender que cada criança é única, possuindo formas de pensar e agir diferentes dos adultos. Ao despertar a imaginação infantil através da contação de história o professor/ contador poderá trabalhar as emoções das crianças por meios de fatos registrados na história escolhida. Dessa forma, os fatos vivenciados pelos personagens trarão à memória situações que as crianças viveram ou vivem em suas realidades. Por isso, suas emoções também devem ser levadas em consideração para que sejam trabalhadas de maneira especial dentro e fora da sala de aula, tornando-as adultos seguros e conscientes de sua vivencia.

2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Sempre se falou em contar histórias e ler livros para crianças como maneira de distraí-las ou mantê-las quietas por um determinado tempo. Mas este ato envolvente ao ser associado ao lúdico, concede aos pequenos ouvintes não apenas cativar a imaginação, mas sobretudo possibilita um estímulo na escrita, na leitura e na oralidade, além de trazer uma série de vivências e conhecimentos que facilitarão em seu processo de aprendizagem (SOUZA e BERNARDINO e SOUZA, 2011).

Para as autoras, citadas a cima, a leitura em sala de aula conduz o leitor/ouvinte a entrar em contato com textos de qualidade, aumenta o repertório de textos conhecidos, amplia a capacidade de

se expressar em público a partir de sensações, sentimentos, ações e vivenciar situações significativas de interação por meio da leitura.

2.1.1 As emoções e a Contação de Histórias

Segundo Ribeiro (2010) o ser humano conta histórias desde o desenvolvimento da comunicação através da fala. Para ela, não existe povos sem histórias a serem contadas e estes momentos de ouvir e contar histórias promovem momentos de união, confraternização e trocas de experiências, além de ajudar a passar o tempo e vencer o tédio. Mesmo com o passar do tempo e o crescimento da tecnologia acelerando os sentidos auditivos, visuais, táteis e sensórios motores, bem como a inteligência, contar história de forma tradicional ainda tem sido feita por alguns profissionais da área da educação, da saúde e Ciências Humanas em algumas instituições.

Com diversos entretenimentos para as crianças da era digital e os variados recursos pedagógicos, ainda assim, esses profissionais têm ganhado espaço para reunir crianças com a finalidade de ensinar, enriquecer, despertar curiosidade e interagir através de uma boa história, conforme Souza e Bernardino, (2011). Dessa forma pode-se afirmar que contar histórias estimula as emoções das crianças, devendo-se então ter alguns cuidados com a escolha das histórias, com a faixa etária das crianças, suas condições socioeconômicas e o desenvolvimento da história contada como um todo.

Coelho, (2003, p. 14, 15), afirma:

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto se oferecermos ao lactante um leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo da saúde. [...] A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.

Abramovick (1997) afirma ser através dos pais, avós e parentes que geralmente as crianças tem seu primeiro contato com o texto oral, tais como: trechos da Bíblia, contos de fadas ou até mesmo histórias inventadas tendo como personagens os próprios pais. As histórias podem ser contadas em diversas ocasiões, como por exemplo, ao acordar, antes de dormir, preparando-se para um sono durante a tarde ou para entretenimento dos pequenos.

Coelho (2003) nos ensina que antes de narrar a história deve-se abrir espaço para uma boa conversa. Por exemplo, se a história gira em torno de animais domésticos e começa-se diretamente, os ouvintes poderão interromper dizendo: eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho, o que for. A autora reforça que o espaço para as crianças falarem antes da narração é indispensável, bem como algumas técnicas de voz, expressão corporal e o próprio falar também contribuem para um bom desempenho nessa atividade.

Fanny Abramovich (1997, p. 17) enfatiza que:

No ato da “contação de história”, a criança se identifica com os personagens, com os heróis, as heroínas, o mocinho e a mocinha, essa identificação desperta várias emoções e faz com que os pequenos coloquem para fora seus sentimentos e vençam o medo, a angústia e timidez. Além disso, a “contação” aguça a curiosidade dos alunos e desperta o interesse em conhecer mais histórias. A tendência é que naturalmente, se tornem habilidosos leitores e o processo de ensino-aprendizagem será mais rápido e prazeroso.

É natural encontrarmos crianças brincando de ser seus super-heróis preferidos, imaginando muitas outras coisas que vão além do que se pode contar através dos livros. E nesse momento de identificação com os personagens das histórias, muitas crianças perdem um pouco a timidez ao interagir com os demais colegas quando dizem: “eu sou o herói” “eu sou o vilão” “eu sou o mocinho” criando entre si seus próprios textos e falas.

Dessa forma entendemos que na contação de histórias, nas brincadeiras e rodas de conversas, as crianças podem também, entender o conceito do fazer o bem ou prejudicar o outro, de se colocar no lugar dos personagens, superar seus maiores medos e entender suas emoções de modo individual ou coletivo.

“Minhas estórias de Carochinha, meu melhor livro de leitura capa escura,
parda, dura, desenhos preto e branco.

Eu me identificava com as estórias.

Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.

Fui a Bela Adormecida no Bosque.

Fui Pele de Burro.

Fui companheira de Pequeno Polegar e viajei com o Gato de Sete Botas.

Morei com os anõezinhos.

Fui a Gata Borracheira que perdeu o sapatinho de cristal na correria da volta,
sempre à espera do príncipe encantado, desencantada de
tantos sonhos nos reinos da minha cidade.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher."

(Cora Coralina)

2.1.2 Aspectos gerais da Contação de História

Usando a tecnologia e seus benefícios nos dias de hoje, a contação de histórias é uma narrativa que vem sendo desenvolvida cada vez mais como prática pedagógica tornando-se até profissão. Ao longo do tempo, esta atividade vem sendo praticada em diversos lugares com a finalidade de entreter, trazer conhecimentos, imaginar, refletir. Deste modo, Costa (2009, p. 31) defende que a humanidade se utiliza da narrativa de modo a experimentar e reviver emoções ou de vivenciar novas experiências humanas compartilhando-as e planejando ações futuras. No entanto, ela surgiu antes de tudo pela necessidade humana de produzir sua existência como sujeitos sociais

No entanto, sabe-se que um contador de histórias sempre encontrou quem o escutasse, quer seja para entretenimento em roda de amigos ou para relaxar as crianças em ambientes escolares como era até bem pouco tempo. A partir disto, Costa (2009) aponta que esta narrativa passa a ser produzida cotidianamente em diversos espaços através das necessidades das pessoas em comunicar-se, contar algo, transmitir o que sente e dividir experiências, ou seja, a interação entre as pessoas independente das frentes tecnológicas. Por isso Souza e Bernardino (2011. p.6) declaram: “A recepção da história é uma ação individual e aquelas mais procuradas pelas crianças ainda são as que possuem um narrador humano, incluindo-se que a figura do contador de histórias continua sendo a ponte entre o ouvinte e o conto, esteja este ao vivo ou na tela do computador”.

Apesar dos muitos entretenimentos na área da tecnologia e os variados brinquedos no mercado, alguns professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental e contadores de histórias de diversas instituições, ainda aceitam o desafio de trazer atividades simples, narrativas simples apenas com o livro, que podem ser usadas em qualquer , para todas as idades, mas que cativa a atenção do ouvinte e os façam tomar gosto pela leitura. Em razão do exposto, percebe-se que:

“Contar histórias é uma arte da qual todos fazem parte. Há quem diga que não é contador de história, mas basta lembrar que diariamente se presta a narrar fatos, experiências e “causos” para filhos, alunos, pais, amigos, vizinhos, marido/esposa” (SOUZA... et al, 2015, p. 45).

Para Busatto (2003), em qualquer lugar que as histórias cheguem, independente da formação do contador, quer sejam histórias tradicionais ou da contemporaneidade sempre haverá voz e espaço para os contadores e suas histórias. Sempre haverá espaço para os que podem transformar suas histórias em entretenimento, em matéria viva podendo ser um momento transformador. Para que esse momento se torne mais encantador, Ribeiro, (2010), aponta vários recursos além do próprio livro, que são: fantoches, recortes em feltros, recortes

de emborrachados, papelão, tecidos, objetos sonoros, instrumentos musicais e os livros especiais em brochura, cartonado e etc.

2.1.3 Contações de Histórias e seus conceitos

A Contação de Histórias vai muito além de uma simples leitura para um determinado público escolhido, para entreter as crianças ou mantê-las quietas, como ainda encontramos pessoas que assim pensam. Para isso, é necessário ter gosto pela leitura, por literatura, pelo ouvir e pelo imaginar. Abramovick (2017) diz que contar histórias é uma atividade tão especial que não se limita apenas ao ser alfabetizado ou não. Além das crianças os adultos também adoram uma boa história e por isso passam horas contando histórias que sejam fictícias, verdadeiras ou apenas vontade do que aconteça. Mas, afinal, o que é contar histórias?

De acordo com Souza e Bernardino (2011. p. 8) podemos afirmar que:

Ouvir histórias é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções.

Coelho (2003) contar histórias é uma arte. Porém, não deve ser vista como um dom inalcançável pelo professor/contador que ainda não desenvolveu tão bem essa habilidade. Essa arte pode ser desenvolvida por qualquer pessoa, uma vez que todo contador, sendo professor ou não, tem um pouco de contador de histórias, pois vivem narrando e contando os acontecimentos do nosso cotidiano.

No entanto, mesmo o professor não tendo tanta experiência em contação de história, pode reservar um tempo para ler, se dedicar e até ensaiar uma contação de história que mesmo assim será um momento de muita riqueza, conhecimentos e muito aprendizado, tanto para o contador como para o público ouvinte, como Abramovich (1997, p. 18) nos diz:

Para contar uma história- seja qual for- é bom saber como se faz. Afinal, nelas se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes...se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção...ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...contar histórias é uma arte...e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que sentido e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro...ela é o uso simples e harmônico da voz.

Essa atividade traz em si o poder de estimular a imaginação e permite um exercício contínuo ao trazer à memória de quem ouve, os fatos, as cenas e os detalhes, quer sejam de lugares, objetos ou pessoas a tal ponto de se manifestar as emoções desse público independentemente da idade. Também expande os horizontes do conhecimento do contador, mantendo a interação com os ouvintes de qual seja a idade. É importante salientar que Contar Histórias não é uma atividade apenas para manter as crianças quietas ou distraídas.

“Contar histórias é promover e estimular a leitura, o escrever, o desenhar, o imaginar, o brincar. Através das histórias a criança sente diferentes emoções como alegria, medo, tristeza, bem-estar, insegurança, entre tantas outras, e assim ela aprende a lidar com seus sentimentos da sua maneira (RIBEIRO, 2010, p. 8).

Sendo assim, penso que é nas situações do cotidiano que as crianças dos anos iniciais por não saberem lidar com emoções e sentimentos passam por tamanhas aflições. Quando os pais as deixam na porta da escola, ou com uma nova babá ou precisam se ausentar por algum tempo, são momentos emocionais difíceis para a criança até ela entender que os pais vão voltar. Contudo, um contador de história pode através dessa atividade ensiná-las a lidar com suas emoções. Tendo em vista o aspecto observado, Busatto (2006, p.58, 59) afirma:

Contar histórias é fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos devaneando, gatinhando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com os olhos internos as imagens que nos fazem bem.

De fato, as histórias contadas, os contos de fadas vão muito além do entretenimento e do estimular o imaginário das crianças pois aumentam as experiências por falar de situações boas e ruins enfrentadas no dia a dia. Ao contar a história de João e Maria dos irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, por exemplo, as crianças entrarão no mundo da imaginação, podendo se emocionar e se sentir no lugar das crianças abandonadas na floresta como: medo, tristeza, alegria, raiva e alguns sentimentos de solidão, desespero e abandono.

2.1.4 Onde pode-se contar histórias?

Barroso (2018) nos diz que não existe um lugar específico para a contação de histórias. Elas podem ser contadas em vários ambientes diferentes, desde que seja um ambiente agradável e proporcione o máximo de concentração na história contada. No entanto, um local bastante utilizado em comunidade escolar é o famoso ‘cantinho da leitura’ muitas vezes construídos pelos próprios professores. Todo espaço escolhido para a contação de histórias tem sua importância e deve ser voltado especificamente para o bem-estar do ouvinte, sua narrativa e o contador.

Enquanto Sousa e Straub (2014) declaram que o espaço escolhido para essa atividade também pode ser bastante favorável a contação de histórias, podendo ser ao ar livre ou em locais fechados, porém é necessário estar livre de qualquer distração ou desconforto. Ruídos, pessoas transitando, excesso de sol, muito frio, muito calor, muito iluminado, pouco iluminado... tudo isso poderá dificultar o trabalho do “contador de histórias”. Tudo isso deve ser analisado pelo professor/contador com antecipação. Mas para Busatto, não há necessidade de tanta qualificação, há espaço para as histórias e contadores, tanto da tradição como da contemporaneidade.

Seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam para ficar. As histórias, oriundas da tradição ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significativa e transformadora. O que fica de tudo isso é o reconhecimento do saudável hábito de contar histórias (BUSATTO, 2006, p. 127, 128).

Analisando o ponto de vista de Coelho (2003) os lugares diferentes do habitual devem ser analisados com antecedência como: igreja, hospital, salão de festa, auditórios, em uma praça pública e etc. Mas também existem ambientes escolares como a brinquedoteca, biblioteca, pátio, na sala de aula, à sombra de uma árvore, no quarto da criança ao se preparar para dormir, em qualquer espaço que seja possível aconchegar bem as crianças.

2.1.5 Recursos utilizados no processo de Contação de História.

Segundo Coelho (2003) estudar a história ainda é a melhor forma ou recurso mais adequado para apresentá-la. Enquanto a narrativa em si é o recurso mais tradicional, fascinante e autêntica expressão do narrador, podendo-se usar apenas a voz. Mas, tudo pode ganhar uma nova magia se for acrescentado recursos como: o próprio livro com apresentação gráfica e imagens ricas, gravuras, flanelógrafo, desenhos, fantoches, bonecos e a interferência do narrador e dos ouvintes.

Encontramos nas palavras de Souza et al (2015) que na narração simples, se pode contar história apenas com o livro, não sendo necessário gastar dinheiro com muitos apetrechos, objetos e roupas coloridos que roubam a atenção da criança apenas o ambiente. Elas ainda afirmam, não precisa gastar dinheiro, pode-se usar os próprios recursos da escola, podendo a professora se deter em conhecer e estudar bem a história. No entanto, os recursos citados não anularão a importância de apresentar o livro e contar a história folheando página por página, mostrando as figuras de cada página, como se faz quando não se tem recurso algum.

Na visão de Coelho (2003) o contador deve apresentar o livro de frente para a turma, dando ênfase a capa, a contracapa, nome do autor e segurando-o com a mão esquerda, enquanto a direita vai virando as páginas lentamente. O contador deve contar a história com segurança, com suas próprias palavras e de preferência, sem consultar o texto; caso contrário, isso pode afetar a integridade da narrativa. Continuando com as ideias da autora, “Por isso ler o livro antes, bem lido, sentir como se pega, nos emociona, nos irrita...Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 20).

Sendo assim, o próprio contador também é incluso como fator importante desse momento lúdico, existe nele um diferencial de quem não só vai apenas ler a história. Se não houver pressa durante essa atividade ele pode ir muito mais além usando instrumentos musicais, objetos, fantoches e ter todo um desenrolar das histórias com sucesso.

Nesse sentido, Abramovich (1997) complementa dizendo que a contadora de história profissional, para que se tenha sucesso, é necessário observar alguns aspectos importantes relacionados aos cuidados que o professor/contador deve ter. Contudo, a autora aponta que para que isso ocorra, o contador deve estar preparado para cativar a imaginação das crianças, respeitando os intervalos, as pausas criando um ambiente de magia e que chame a atenção do público para si.

Portanto, esse deve ser um momento de bastante preparo e organização dos recursos por parte do professor contador, que usará toda sua criatividade para cativar a imaginação do público e enriquecer esse momento de ensino e aprendizagem.

2.1.6 As contribuições da Contação de Histórias no processo da educação.

Tendo em vista uma sociedade cada vez mais voltada para a internet, incentivando cada vez mais a solidão e a individualidade, Souza e Bernardino (2011), enfatiza que as escolas podem e devem incluir em seus Projetos Pedagógicos a contação de história que traz si a comunicação e propõe uma vida de coletividade. Mesmo que haja essa dificuldade nos dias atuais a contação de história se faz necessária na educação infantil, podendo ajudar os alunos a tomar gosto desde cedo pela leitura.

Dessa maneira, Mateus e Souza et al, (2013) dizem que todos terão um bom momento de aprendizagem ao utilizar a contação em sala de aula. Isso faz com que todos saiam ganhando, tanto o aluno, que será instigado a imaginar e criar, quanto o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa.

Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Por isso, a leitura bem como as atividades que incluem os livros no dia a dia das crianças devem fazer parte do Projeto Curricular de todo professor, como diz o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Brasil (1998, p. 143).

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Sendo assim, essa ampliação do contato diário com o livro nem sempre vem de imediato. Nem sempre todas as crianças têm acesso e incentivo dos pais, sendo esses os primeiros a

contar-lhes histórias como citado acima. É preocupante como muitos jovens e adolescentes terminam o Ensino Fundamental sem sequer compreender o que acabaram de ler porque não adquiriram o hábito da leitura desde cedo, nem ao menos de frequentar alguma livraria ou biblioteca da escola. Todavia, não apenas a escola pode reservar o espaço para à leitura, mas é possível estendê-lo ao âmbito familiar como consta no o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Brasil, no volume 3 (1998, p.153):

Contar histórias costuma ser uma prática diária nas instituições de educação infantil. Nesses momentos, além de contar, é necessário ler as histórias e possibilitar seu reconto pelas crianças. É possível também a leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita às crianças o acesso, pela leitura do professor, a textos mais longos. Outra atividade permanente interessante é a roda de leitores em que periodicamente as crianças tomam emprestado um livro da instituição para ler em casa. No dia previamente combinado, as crianças podem relatar suas impressões, comentar o que gostaram ou não, o que pensaram, comparar com outros títulos do mesmo autor, contar uma pequena parte da história para recomendar o livro que a entusiasmou às outras crianças.

De acordo com Busatto (2003) a leitura deveria ser desenvolvida ainda em casa com os pais, em comunhão com a família, tendo em vista que essa prática além de ser como alimento para o espírito, ajudar na interação fazendo os ouvintes aprender importantes lições que servirão de lição para a vida toda. Esse ato de incentivar a leitura quando compreendidos pelos pais, pelos familiares, traz em si uma capacidade muito maior para os professores adaptarem as crianças em trabalhar textos, leituras e contação de história.

2.2 EMOCIONALIDADE E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

No estudo etimológico da palavra emoção vem do latim *Emotionem*, que quer dizer "movimento, comoção, ato de mover, e foi classificada de acordo com várias hipóteses. No entanto, podemos classificar emoções de acordo com o ponto de vista de Damásio da seguinte maneira:

As emoções são ações ou movimentos, muito deles público, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos. Alguns comportamentos de emoção não são perceptíveis a olho nu, mas podem se tornar “visíveis” com sondas científicas modernas, tais como a determinação de níveis hormonais sanguíneos ou de padrões de ondas eletrofisiológicas (DAMASIO, 2004, p.35).

Enquanto Possebon Gonsalves (2017) afirma que a emoção está relacionada com um movimento interno estimulado por situações que afetam a nossa alma e tem o poder de atingir diferentes sistemas do corpo humano. Para que a emoção aconteça é necessário que haja um estímulo, um agente externo que a provoque. Durante a Palestra sobre Educação Emocional e Práticas Pedagógicas na Universidade Federal da Paraíba no dia 24/08/2018, no auditório do CE/UFPB, ela ainda diz que a emoção é algo que afeta, que mexe internamente com o indivíduo, que logo passa a sentir coisas no corpo das quais o próprio indivíduo não tem controle, e cita como exemplos a raiva e o medo.

As emoções desempenham um papel central em nossas vidas especialmente por serem estruturantes no desenvolvimento de uma pessoa. Elas influenciam a personalidade, estão nos comportamentos, tem impactos na nossa saúde. Além disso, as emoções estão na fonte de aquisição de competências fundamentais para lidar com exigências sociais, que clamam por pessoas com disposição para trabalhar em grupos e que tenham capacidade de estabelecer relações interpessoais harmoniosas e saudáveis (GONÇALVES e LIMA, 2015, p. 12, 13)

Nesse sentido, é notável que os seres humanos são uma mistura de sentimentos, pensamentos e emoções que formam uma unidade única tendo o poder de interferir no modo de ser e agir de um indivíduo. São as emoções e não os sentimentos que surgem a partir de um estímulo como nos diz Possebon Gonçalves (2017, p. 23, 24): “A emoção é uma reação intensa e relativamente breve que surge a partir de um estímulo, gerando movimentos expressivos e causando sensações corporais. A emoção depende de avaliações subjetivas, isto é, depende da forma como a pessoa percebe que o estímulo vai afetar seu bem-estar”.

Para isso, entendo que ao longo de sua trajetória, os humanos como seres sociais são dotados e movidos pelas emoções. Estas emoções sendo fonte essencial da aprendizagem interferem nas motivações fornecendo dados fundamentais que levam a satisfazer e conquistar seus maiores objetivos. Nesse mesmo sentido, as emoções podem levar as pessoas a procurar atividades que fazem elas se sentirem melhor ou ao contrário disso. Damásio (2004, p. 62) ainda diz que “As emoções são um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa”

Ele classifica as emoções em três categorias, sendo elas: As emoções primárias, emoções sociais e emoções de fundo. As emoções primárias são comuns a todo indivíduo da

nossa espécie independentemente de fatores sociais e culturais, como: alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa.

As emoções sociais ou secundárias dependem de fatores sociais e podem variar juntamente com a cultura, a experiência prévia e a época em que o indivíduo está inserido, tal qual a culpa, vergonha, simpatia, compaixão, embaraço, orgulho, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação desprezo, etc. Enquanto as emoções de fundo cujo estímulos indutores dessas emoções são internos levam o organismo a estados opostos como: tensão e relaxamento, fadiga ou energia, ansiedade ou apreensão. Por serem as emoções tão intensas, durante a contação de história, não esperemos que as crianças fiquem quietinhas, imóveis, como explica Souza.

É justamente esse encantamento que a história causa que faz com que as emoções e a curiosidade aflorem, elas não têm que ficar quietas, paralisadas, as crianças, assim como qualquer outra pessoa que ouve uma história, tem o direito de manifestar o que estão sentindo, isso que dá a beleza e sentido ao que está sendo dito (SOUZA et al, 2015, p. 20).

Nesse contexto, sabendo que as emoções têm grande influência sobre uma pessoa, mexendo com a personalidade, comportamento e até a saúde. Educação Emocional se faz necessária não apenas nas escolas, mas também em empresas privadas, hospitais, centros comunitários e em tantas outras instituições de diferentes camadas sociais.

2.2.1 Conceituando Educação Emocional

Para discutir o conceito de Educação Emocional precisamos nos reportar a algumas correntes de pensamentos nos quais nos possibilita trazer reflexões do que se refere este tipo de educação, destacando sua importância, seus benefícios, instrumentos e técnicas para que a mesma seja empregada na educação, na escola e na sala de aula.

A partir disto, podemos aprender definição de Educação Emocional com alguns autores:

A Educação Emocional é um processo de ação consciente. Isso significa que implica o conhecimento e o autoconhecimento de questões pertinentes ao universo emocional, além da aquisição de conhecimentos e habilidades que poderão proporcionar a consciência e a modulação das ações, de forma a aprender sentir e agir no sentido de proporcionar bem-estar (GONSALVES, 2015, p. 8).

Nessa perspectiva, tudo que gera uma ação é decorrente de uma emoção. A capacidade dos indivíduos serem solidários uns para com os outros, de ter coragem para enfrentar seus medos, de contestar ou aprovar alguma situação, tudo isso nasce no campo da emocionalidade. Ainda de acordo com Gonsalves (2015), a Educação Emocional é um processo que possibilita o indivíduo a se conhecer e a partir desse conhecimento aprender a controlar as reações das emoções.

Nas palavras de Carício:

A Educação Emocional é um processo educativo, contínuo e permanente, devendo estar incluído em todos os currículos, da educação infantil até o ensino superior. A Educação Emocional atua como ação indispensável a um conjunto de necessidades sociais apresentadas pelos estudantes, as quais não vem sendo satisfatoriamente atendidas pela educação formal (CARÍCIO, 2016, p. 23).

Dando ênfase a fala de Carício, por sermos seres dotados de emoções, sentimentos e conflitos tanto internos como externos, os estudantes da Educação Infantil bem como do Ensino Superior carecem trabalhar Educação Emocional em seus currículos. Porém, a sociedade ainda não despertou para a importância de um ser educado emocionalmente, que pode melhorar o convívio escolar, profissional e pessoal.

2.2.2 A Contação de História e Educação Emocional: instrumentos metodológicos no ensino e aprendizagem.

A contação de histórias mesmo ainda sendo vista por muitos apenas como um momento lúdico e de entretenimento traz como estratégia pedagógica uma maneira toda especial de desenvolver habilidades cognitivas que ajudam no processo de ensino, de maneira que auxilie as crianças a desenvolver várias habilidades, acelerando o processo de leitura e escrita, além de estimular a imaginação. As crianças entram num mundo imaginário que as fazem conhecer diversos lugares, personagens diferentes, culturas diferentes e elementos jamais encontrados em sua realidade. Para isto, Abramovich (1995, p.17), destaca: “É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”.

Dialogando com as autoras citadas Souza e Bernardino (2011) nos dizem que é nas séries iniciais que a didática do conto de histórias se torna instigante, e que é necessário que se tenha cuidado com a estrutura da narração quanto à linguagem, imagens e narrativa dentro da compreensão da criança. Ainda afirmam que, “O docente precisa incluir em seu planejamento curricular períodos dedicados à leitura, formando crianças que gostem de ler e escrever, uma geração de leitores e escritores que veem na literatura infantil um meio de interação e diversão” (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 4).

Para as crianças que ainda não sabem ler, Abramovich (1997) fala que os livros que contém apenas gravuras é um recurso metodológico encantador que talvez seja um jeito de não formar míopes mentais durante a contação de histórias, aqueles onde se pode criar histórias apenas a partir de uma cena colocada misturada à outras cenas, podendo assim, associar a sons e musicalidade. Ainda nas palavras da autora: “Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar...de um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo” (ABRAMOVICH, 1997, p. 33).

No entanto, para dar ênfase a essa atividade lúdica e de grande importância quando usada como recurso metodológico, vários gêneros literários podem ser usados, podendo ampliar o conhecimento das crianças nesse momento. Todavia, um gênero literário bastante interessante quando utilizado na Contação de Histórias é a Poesia. A autora enfatiza dizendo: “Ah, a poesia fala sobretudo de emoções...De sentimentos vividos, sentidos provocados. Fala de amor, às vezes um amor antigo, lembrado por despertar algo de especial, de único” (ABRAMOVICH, 1997, p. 82).

A autora acrescenta que apesar da poesia ser um gênero literário que sofre preconceito do editor as por não dar espaço para grandes poetas, a poesia traz recursos poéticos como a rima, que despertam emoções, sensações, retratam sonhos, as vontades e fazem com que surjam a visualização de seus próprios anseios.

Para Coelho (2003) a história não acaba quando chega ao fim. Durante a contação de histórias algumas atividades de enriquecimento podem ser incluídas para que esse momento se torne mais proveitoso; assim ela apresenta algumas dessas atividades: dramatização, relatos, pantomima, criação de textos orais e escritos, brincadeiras, recortes, modelagem, de outros tipos de atividades que torne a contação de histórias um momento inesquecível.

O ambiente escolar, segundo Gonçalves (2015), é um espaço de convivência onde diferentes pessoas coexistem, ou seja, tem a capacidade de viverem juntas, aprendendo e ensinando de maneira mútua. Mas para que isso aconteça, é necessário que a escola inclua em seu planejamento uma política que trabalhe a Educação Emocional como parte constituinte das ações curriculares e não de forma isolada ou fragmentada. Para isso Gonsalves (2015, p. 20) ainda diz que: “Ao incluir a Educação Emocional como ato contínuo do planejamento da escola não estaremos atentos apenas aos saberes e suas formas; estaremos atentos aos sentimentos e suas expressões”.

Essa educação emocional, de acordo com Casassus (2009), deveria partir de casa através dos pais e continuar na escola, no bairro e em outras instituições. No entanto, os pais não dão apoio emocional que eles necessitam e os filhos mergulhados em suas carências aprendem a reprimir, controlar e administrar suas emoções. Muitas vezes isso ocorre por influência cultural da sociedade que dita as normas e regras de como e quando as pessoas devem se expressar. Nesse sentido, o autor ainda afirma:

Nesse processo, assumimos as emoções que surgem das condutas definidas socialmente para os diversos papéis e, assim, pouco a pouco, vamos perdendo contato consciente com nossas próprias emoções. Ao assumir os papéis e as normas que nos regem passamos pela vida com as emoções provenientes desses papéis, usando-os com máscaras para cada ocasião[...] (CASASSUS, 2009, p. 198).

Nessa perspectiva, se faz necessário entender a necessidade da Educação Emocional nas escolas, na sociedade e nas instituições como algo inovador que só trará benefícios para todas as camadas sociais. Essa interação não deve incluir apenas diretor (a), professores e alunos, mas também devem ser inclusos pais, coordenadores, secretária (o) e os demais profissionais que fazem parte do quadro de funcionários da escola.

Para isso Gonsalves (2015, p.19) afirma: “Para se obter resultados de qualidade é necessário assumir a Educação Emocional como um elemento importante a ser inserido nos planejamentos das instituições, a fim de apresentar-se como um conjunto coerente, articulado e sistematicamente ordenado integrado a proposta escolar [...]”.

Para tanto, Gonçalves (2015) ainda nos diz que a Educação Emocional deve ser parte do planejamento das ações curriculares de uma escola. Porém, não basta inserir elementos de maneira isolada e fragmentada nesses programas da escola sem atravessar todas as ações escolares. Dessa forma a educação emocional trabalhada dentro da comunidade escolar entre

professores, alunos, coordenadores, pais e os demais funcionários, conduz todas as pessoas ao conhecimento e autoconhecimento e assume a tarefa de melhorarem não apenas como profissionais, mas também como pessoas. Por isso, Casassus declara:

Um professor pode ser mais consciente de seus vínculos e dos padrões de relação que estabelece, sendo, mas consciente de sua própria emocionalidade e da de seus alunos. Poderá, então, inovar velhos e deficientes padrões como também reconhecer e validar e validar os aspectos sustentadores e de compreensão emocional com que estabelece e vive seus vínculos (CASASSUS, 2009, p.208)

Ao se trabalhar Educação Emocional dentro da escola, Gonçalves (2015, p.12) apresenta objetivos que favorecem a todos os envolvidos na comunidade escolar.

- Possibilitar maior conhecimento das emoções e sentimentos,
- Aprender a prevenir as consequências prejudiciais das emoções desagradáveis;
- Permitir um melhor relacionamento interpessoal e social;
- Diminui o absenteísmo escolar;
- Permite a identificação das emoções e sentimentos das outras pessoas.

Mediante isso, vale mencionar a educação libertadora em Paulo Freire (1996, p.62) que apresenta elementos sobre a prática docente na formação humana através do ouvir, dialogar, respeitar e valorizar a educação como um ato amoroso, afetuoso e de interação entre professores e alunos. Não se pode falar e tratar das emoções em um ambiente regido pelo autoritarismo profissional. Para Freire (1996) é necessário compreender que a escola também é um lugar de afetos onde docentes e alunos aprendem e se observam mutualmente. Sob essa ótica, atentamos para o pensamento freiriano, cujo ato de aprender, escutar, descobrir é entendido como ato prazeroso que possibilita alegria a todos os envolvidos em um Projeto Político Pedagógico. Essa emoção (alegria) é decorrente do ato de conhecer, estimular a curiosidade e conviver todos os dias criando laços de amizade e afeto entre as pessoas. Nas considerações de Paulo Freire, em sua poesia, nos ensina muito sobre afeto e emoções no ambiente escolar quando diz que:

A ESCOLA É...

... o lugar que se faz amigos.
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,
 Programas, horários, conceitos...
 Escola é sobretudo, gente
 Gente que trabalha, que estuda
 Que alegra, se conhece, se estima.
 O Diretor é gente,
 O coordenador é gente,
 O professor é gente,
 O aluno é gente,
 Cada funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor
 Na medida em que cada um se comporte
 Como colega, amigo, irmão.
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”
 Nada de conviver com as pessoas e depois,
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
 É também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem,
 É conviver, é se “amarrar nela”!
 Ora é lógico...
 Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

(Paulo Freire)

Seria nesse modelo a escola que Freire ansiava para a sociedade. Uma escola com espaço para se trabalhar, aprender, pensar, conviver e superar. Mas que não deixasse de ser uma escola humana, onde se constrói amizade, se tem afeto e onde seus integrantes são vistos e tratados como gente. E ‘ser tratado como gente’ envolve tratar as pessoas sem diferença de cor, de classe social, de sexo, de religião entendendo que por sermos diferentes, logo também teremos formas diferentes de pensar. Em meio a tantas diferenças, o ser humano dotado de vários sentimentos e emoções, também necessitará de profissionais capacitados nessa área para ajudá-lo.

3 METODOLOGIA

O referido trabalho se configura como trabalho de campo, tendo em vista que no momento da contação de história foi importante observamos o ambiente escolar, principalmente a sala de aula onde essas crianças estavam inseridas. Esse tipo de pesquisa tem muita importância em trabalhos acadêmicos por ter um contato maior com a realidade do sujeito da pesquisa, como também em se aproximar de fatos como realmente são.

Para tanto, levamos em consideração o que destaca Marconi e Lakatos, vejamos:

A pesquisa de campo tem como objetivo obter informações e/ou conhecimentos sobre um determinado tema através da observação de fatos e fenômenos da forma como acontecem espontaneamente, da coleta de dados e no registro de variáveis relevantes para uma posterior análise (1991.p. 20).

Para as autoras, tal procedimento é embasado no pensamento reflexivo, que exige um trabalho em busca de conhecer a realidade e descobrir fatos parciais do objeto de estudo. Isto significa que ela é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente.

O local escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Carlos Neves Da Franca, localizada na Rua Leila Diniz, 244, Conjunto José Américo. CEP: 58073-180 em Joao Pessoa. A referida escola atende às famílias do Conjunto Colibris, Comunidade Laranjeiras e o próprio bairro José Américo com aulas nos períodos da manhã e tarde, com turmas do Ensino Infantil.

Figura 1- Frente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Neves da Franca



Fonte: Site da Escola Municipal do Ensino Fundamental Carlos Neves da Franca.

A escola oferece ainda, Pré-escola e Atendimento Educacional Especializado (AEE) tendo aulas alternadas entre 2 professoras. O Ensino Fundamental I/Anos Iniciais (1º ano com 2 turmas, 2º ano com 5 turmas, 3º ano com 4 turmas e 4º ano com 3 turmas), todas comportando em média entre 28 e 30 alunos por turma nos dois turnos. Tendo em vista um aumento registrado de 5% em cada sala para o de 2020, segundo as diretoras, por conta da procura de vagas por antecipação de matrículas, tanto no turno da manhã como a tarde. De forma geral, a escola possui 32 Professores, 4 Vigilantes, 2 Inspectores de Alunos, 1 Secretária, 3 Auxiliares de Secretaria, 3 Auxiliares de Serviços Gerais, 3 Merendeiras, 2 Responsáveis de Banda e Coreografia e 1 Interpret de LIBRAS.

A escolha da Escola Carlos da Franca como campo de pesquisa se deu, por ser próximo a residência da graduanda que está desenvolvendo essa pesquisa e por ter uma sobrinha nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que ali estuda. Em algumas oportunidades teve contato com a escola e obteve informações de pais e moradores das mediações como sendo uma escola que está crescendo e com boas referências.

Considerando o campo estudado de teorias acerca da Educação Emocional e Contação de Histórias, este trabalho foi baseado na abordagem qualitativa por não optar por instrumentos estatísticos. Nessa abordagem, conforme Triviños (1987), valoriza-se o contato direto do pesquisador com o ambiente, o objeto de estudo e a situação que está sendo estudada, procurando compreender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

No dia 11 de outubro de 2019 foi o primeiro contato com a gestão da Escola para expor a proposta do projeto de pesquisa. A diretora do turno orientou sobre todos os processos legais junto à Prefeitura Municipal de João Pessoa, a coordenação do Centro de Educação (CE) da Instituição do curso e os profissionais envolvidos nesse trabalho.

Em 25 de Novembro de 2019 foi apresentado todos os documentos à diretora chefe, onde novamente foi apresentado o objetivo da realização deste trabalho dentro da escola. Foram apresentados os seguintes documentos: Requerimento assinado pela graduanda e orientadora deste trabalho; a Autorização da Prefeitura Municipal de João Pessoa e um Termo de Consentimento para a Professora responsável da turma.

Em seguida, a proposta foi apresentada, a professora do 2º ano, Leonora, que de acordo com as diretoras é uma docente que aprecia contação de história e costuma usar esse método em sua turma. Foi esclarecido que o objeto do trabalho são as crianças e suas emoções, não o

trabalho da professora em si. Ela aceitou de bom grado e assinou o Termo de Consentimento, permitindo colocar o seu nome nesse trabalho.

3.1 Objeto de Estudo e Instrumento da Pesquisa

No dia 25 de Novembro de 2019, foi exposto o desejo em observar uma turma do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental 1 por serem crianças numa faixa etária entre 7 e 8 anos levando em conta o objetivo do trabalho e as palavras de Coelho (2003) quando afirma que as crianças nessa idade apreciam histórias mais elaboradas, contos populares ou fábulas que envolvem crianças, animais, aventuras em família, na comunidade, escola e as estimula a compreender a realidade.

Participaram do estudo 30 crianças da turma do 2ºano dos Anos Iniciais, sendo 15 crianças do sexo masculino e 15 crianças do sexo feminino, em idade entre 7 e 8 anos, ou seja, por ser final de ano quase todas as crianças já haviam completado 8 anos.

Optamos pela utilização do diário de bordo para anotar todas as observações durante o processo de contação de história, pois não foi permitido gravar ou filmar o momento do desenvolvimento do trabalho com as crianças.

Marconi e Lakatos (2003, p. 190) definem observação como “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

Utilizou-se nesse trabalho, um diário de bordo como instrumento na observação para coleta de dados. Sobre a observação, encontrou-se em Marconi e Lakatos (2003, p. 190 e 191) que definem a observação como “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Dessa forma, a observação permite que o pesquisador identifique e obtenhas provas sobre objeto de estudo em um contato mais direto com a realidade a partir da investigação social. Foram registradas no diário de bordo, todas as informações possíveis coletadas ao longo das visitas à escola, desde a apresentação da estudante até os últimos instantes com as crianças.

3.2 A Escolha de uma história emocionante

Procuramos saber se a professora tinha alguma opção de história que estivesse dentro do tema do trabalho. Ela não tinha nenhuma sugestão no momento, nem poderia escolher alguma história por estar bem atarefada com o fim do ano letivo. Perguntou qual seria a sugestão e não hesitamos em falar sobre o que tínhamos em mente, um dos grandes clássicos dos irmãos Grimm do século XVII, João e Maria, que atravessa gerações trazendo muitas lições, por narrar assuntos de extrema dificuldade ou problemas do dia a dia das crianças, onde muitas vezes as crianças não sabem lidar.

A professora ficou entusiasmada, mas alertou em colocarmos na história um tom motivacional, tendo em vista que algumas crianças passavam por dificuldades em família como: separação dos pais, ausência de afeto, dificuldades financeiras e outra são criadas por parentes e avós.

João e Maria foi a história escolhida baseada nas palavras de Busatto (2003) onde defende que, como educadores devemos contar história com o coração, usando nosso afeto, nossa experiência e os próprios contos como indicadores para as crianças trilharem seus caminhos.

Existem muitos gêneros literários a serem escolhidos como: lendas, fábulas, contos populares, contos de fadas e até mesmo narrativas apenas por imagens. Mas é necessário analisar a história a ser contada e não escolher casualmente. Deve-se levar em conta o tempo apropriado para cada história, bem como a faixa etária das crianças, seus interesses e suas vivências no contexto em que elas vivem.

“A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia, e prejuízo da saúde. Feijão é excelente, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial” (COELHO, 2003, pág.14).

A história escolhida, João e Maria fala de um pobre lenhador, sua esposa e seus dois filhos que moravam numa simples casa próximo a uma grande floresta. Numa certa ocasião, o lenhador não conseguindo mais levar comida para casa, aceita o conselho da esposa em

abandonar os filhos na floresta para não os vê-los passar fome. É um conto que fala de muitas emoções como a tristeza, o medo, a alegria e amor. Traça narrativa sobre inocência, frustração, companheirismo, desamparo, solidão, a busca pela sobrevivência, coragem e por fim, a superação.

No dia 30 de novembro de 2019 procuramos a professora para lhe entregamos o livro João e Maria confeccionado pela graduanda e o Plano de Aula para termos um norte e uma sintonia no dia da contação da história. Logo agendamos o dia porque só haveria mais uma semana de aula e todos estrariam de férias.

Figura - 2 Capa do livro João e Maria, confeccionado pela graduanda



Fonte: Inspirado em contosdefadascomgigi.com

3.3 Roda de Conversa e Ouvir Histórias: Identificando emoções.

Em 06 de dezembro de 2019 no período da tarde, chegamos bem antes do horário normal das aulas para organizarmos a sala com a professora e montar a mesa com a casinha de doces e os pirulitos temáticos para distribuição ao termino da aula. A casinha era toda recheada de bombons, pirulitos e balinhas de goma para que as crianças pudessem comer e levar para casa, tudo confeccionado com muito amor e carinho.

Após tudo organizado, cobrimos com uma toalha grande para ser de fato uma surpresa para as crianças. Nesse dia, a escola estava agitada por ser uma semana voltada para atividades lúdicas em quase todas as salas e foi difícil acalmar as crianças para uma atividade serena.

O local escolhido pela professora foi a sala de vídeo, ampla, com ar condicionado e com poucas cadeiras que puderam ser organizadas de forma agrupadas para termos mais espaço e conforto para as crianças. Contamos com a presença de uma interprete de LIBRAS, por termos em sala um aluno mudo e com deficiência auditiva parcial.

Para analisar as possíveis emoções das crianças durante a cotação da história, foram observadas as reações físicas e expressões faciais diante da escuta da narrativa, como também, dos seus relatos orais.

Somente a partir das 14:00h pudemos começar o trabalho de contação de história, uma vez que a professora tinha um musical de Natal para ensaiar com as crianças. Após nosso momento de contação de história, uma outra professora, usaria a biblioteca para um ensaio, também de Natal.

No primeiro momento, a professora Leonora, apresentou para a turma a graduanda que está realizando um Trabalho de Conclusão de Curso dizendo que naquele dia teríamos uma aula diferente, animada e com surpresinhas gostosas. Pediu para formarem uma roda, em seguida, todos sentados se apresentaram apenas falando seus nomes. Logo após, começaram a ouvir a história de Joao e Maria, tendo como recurso naquele momento o livro com imagens construído para esse momento.

A professora começou perguntado se alguém conhecia a história João e Maria. Um dos meninos, interrompeu a professora dizendo que já conhecia outros contos dos irmãos Grimm, e que sabia a diferença entre um conto e uma fábula. A professora aproveitou e pediu para que ele expelisse para os colegas a diferença entre um conto e uma fábula, onde ouvimos uma explicação clara e objetiva, para surpresa de todos, em seguida todos aplaudiram em sinal de agradecimento.

Os alunos ainda estavam bastante agitados, foi necessário a professora falar num tom mais alto, porém com carinho, alertando as crianças que haveriam posteriormente, conversas sobre a história e premiação para os mais atentos aos detalhes sobre o conto. Isso não estava no Plano de Aula, mas precisaria ser cumprido no final da contação, uma vez que fora prometido.

Fez-se silêncio, olhos e ouvidos atentos à fala da professora que enfatizou o motivo que levou o pai de João e Maria a abandoná-los sozinhos na floresta. Os meninos eram os mais entusiasmados e falantes sobre a história. Porém, em um determinado momento da história, conversas paralelas começaram a surgir entre as meninas que agora se mostravam mais desinibidas e cochichando umas com as outras.

Percebeu-se nesse momento, que em meio a tanto entusiasmo e comentários das crianças, a roda de conversa seria feita dentro da contação de história por conta das interrupções para com a fala da professora.

No entanto, alguns assuntos da vivência diária das crianças não davam para ficar sem esclarecimentos durante a história, se tratavam de fatos especiais e careciam de esclarecimentos imediatos. Um exemplo foi em relação a madrasta de João e Maria, dialogamos com as crianças que nem todos os padrastos e madrastas são pessoas ruins e maltratam as crianças.

Outro momento, foi sobre o sentirem de medo quando os personagens estavam perdidos na floresta, várias crianças interromperam querendo relatar experiências vividas por elas. Nesse momento a professora permitiu que cada um fosse breve em contar como se perdeu, como se sentiu e como foi o reencontro com seus pais ou responsáveis.

A professora buscou uma garrafa pequena e vazia de água mineral, colocou no meio da roda como regra de que só poderia falar, contando sua breve história de medo, quem estivesse com a garrafa. Assim, ao observar o comportamento das crianças enquanto estavam na roda passando a garrafa, e a desenvoltura da professora em lidar com as crianças, ficou evidenciado o hábito da utilização da contação de história na rotina daquela turma.

No momento da história em que João e Maria encontraram a casa toda feita de doces e chocolates, houve um momento de alegria entre as crianças. Achei interessante como eles prestavam atenção nos detalhes da história.

Quando enfim, a boa velhinha se revelou como uma bruxa maldosa e sem piedade, a professora contadora da história, imitou bem alto a gargalhada da bruxa e os rostinhos voltaram a ficar tensos.

No decorrer do resto da história algumas crianças já demonstravam uma certa ansiedade em chegar no desfecho da história por serem solidários a João e Maria, afora outros com expressão facial de raiva e indignação para com a bruxa e seu plano maléfico.

Por fim, quando a bruxa foi empurrada no forno, houve uma espécie de comemoração, de torcida, gritos de alegria pelo destino final da velhinha má. Rimos um pouco, porque a sala parecia comemorando algum gol de um time de futebol preferido deles. O reencontro emocionante do lenhador ao ver seus filhinhos João e Maria vivos, também deixou as crianças com carinhas de felicidade, alívio e satisfação.

3.4 Surpresas, gostosuras e emoções

Para o momento final da contação de história, juntamente com a professora, tiramos a toalha que cobria a casinha cheia de guloseimas e todos ficaram boquiabertos em ter algo da história tão perto deles. Vimos carinhas de surpresa por todos os lados; mãos nos rostos com a boca aberta, olhinhos arregalados, mãos sendo esfregadas umas nas outras, todos animados em volta da mesa com a casinha. Foi de fato um momento único e mágico para todos nós.

Figura 3 - Casinha de doces confeccionada pela graduanda



Fonte: Arquivo pessoal da graduanda

Como foi prometido em um determinado momento, quem prestasse atenção na história e não desviasse a atenção do colega, ganharia um prêmio. Esse detalhe do prêmio também não estava no plano de aula e foram precisos encontrarmos um prêmio de improviso.

Escolhemos Mara que ganhou a chaminé da casinha, feita de cartolina grossa marrom parecendo chocolate e recheada de balinhas de goma e pirulitos.

Em seguida, pedimos que as crianças fizessem duas filas, meninos de frente com a professora Leonora e as meninas de frente da graduanda, onde entregamos um pirulito personalizado João ou Maria, de acordo com o sexo de cada aluno. Depois as crianças podiam ir até a casinha pegar as guloseimas que mais gostavam.

Estimulamos ainda, que podiam fazer troca de sabores dos pirulitos entre si. Foi um momento de alegria e descontração para todos, inclusive para as organizadoras. Logo, percebeu-se que a vivência da contação de história em sala de aula traz em si o poder da socialização, da solidariedade e o respeito a individualidade do outro.

Figura 4 - Pirulitos João e Maria personalizados



Fonte: Arquivo pessoal da graduanda.

Por volta das 15:50, caminhamos em fila da biblioteca para a sala onde as crianças tinha aula diariamente para falarmos um pouco mais da história que foi contada, ou seja, João e Maria. Foi preciso um tempo que levou em média 15 minutos para que todos matassem a sede no bebedouro, tomassem seus lugares na sala e se acalmassem, mesmo ainda comentando sobre detalhes da história. Observamos que, de fato o fim da velhinha má, os momentos tristes de João e Maria e sua volta para casa foram os momentos da história que mais chamaram atenção das crianças.

3.5 Conto João e Maria: conversas e ludicidade

Começamos perguntando quem havia gostado daquele momento e o que mais chamou a atenção das crianças durante a contação da história. Relembramos algumas situações vivenciadas por João e Maria, das quais pudemos trazer lições para nosso dia a dia.

Para uma atividade mais livre, foram distribuídas folhas de papel oficial em branco onde cada criança desenhou o que mais lhe chamou atenção durante a história ou o nosso momento

que estivemos juntos. Poderia ser sobre a história, sobre a roda de conversa, distribuição de doces, qualquer lembrança que tivesse marcado àquele momento. Como destacam Souza e Bernardino (2011, p. 6): “essa interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente”.

Enquanto desenhavam e pintavam as crianças interagiam comentando sobre os personagens da história. Os desenhos chamaram atenção por trazerem expressões bem significativas de como as crianças ficaram envolvidas e encantadas com a contação de história.

Nas figuras 5 e 6 Ana e Perla ambas com 8 anos, desenharam os irmãos João e Maria juntos, de mãos dadas, em momento de zelo e afeto mesmo em meio ao medo e as dificuldades, onde se pode trabalhar durante a contação de histórias ou rodas de conversa a união entre irmãos e amigos.

Figura 5 – Desenho feito por Ana



Fonte: Arquivo pessoal da graduanda

Figura 6- Desenho feito por Perla



Fonte: Arquivo pessoal da graduanda.

Melina e Silas, ambos de 7 anos, também destacaram em seus desenhos o momento mais marcante durante a história, apontando João em seu instante de angustia e tristeza enquanto estava na prisão.

Figura 7- Desenho feito por Melina



Fonte: Arquivo pessoal da graduanda.

Figura 8- Desenho feito por Silas



Fonte: Arquivo pessoal da graduanda.

4 ANALISE DOS DADOS

Organizamos a análise dos dados a partir de duas categorias com o objetivo de identificar as emoções das crianças a partir da contação de história realizada neste trabalho. A primeira categoria trabalha as emoções a partir das falas das crianças, é denominada como: As Emoções identificadas através das falas das crianças. A segunda categoria com o título “Expressões faciais e corporais observadas durante a contação de história” aborda as emoções das crianças enfatizadas pelas expressões faciais e corporais anunciadas durante a contação de história. É importante ressaltar que os nomes das crianças citadas nesse trabalho são fictícios por motivos éticos, protegendo assim, a identidade das mesmas.

Durante o processo de desenvolvimento da análise identificamos a Constelação Emocional organizada por Possebon, Gonsalves (2017), onde são apontados sinais que interagem e se modificam de acordo com a situação vivenciada pelo homem e nos leva a identificar as emoções principais, quer sejam primárias, secundárias ou autoconscientes.

A seguir o Quadro I, apresenta um consolidado com todas as emoções identificadas nas crianças durante a contação de história, organizadas por crianças participantes, pelas categorias fala, expressões, emoções primárias, emoções secundárias e Constelação Emocional, vejamos:

QUADRO I – Distribuição das falas e expressões das crianças durante a contação de história entre as categorias de análise, as emoções relacionadas e as constelações emocionais citadas por Gonsalves Possebon (2017).

Nome Fictício dos alunos	Idade	Categoria “Fala”	Categoria “Expressões”	Emoções Primárias	Emoções Secundárias	Constelações Emocionais
Ana	8 anos	Sem fala destacada	Desenhou a trajetória de João e Maria	Tristeza	Compaixão	Pena
Alice	8 anos	“Obrigada professora”	Abrço	Alegria	Gratidão	Afeto
Melina	7 anos	“Minha mãe disse para não pegar doces de estranhos”	Desenho João no cárcere	Medo	Ansiedade	Preocupação
Maria	8 anos	“Minha madrastra não é má”	Sem expressões destacada	Admiração	Gratidão	Satisfação
Mara	8 anos	Sem fala destacada	Indiferença, Sorriso	Surpresa	Gratidão	Recato

Joana	8 anos	Perdeu-se no supermercado	Abraço	Medo	Gratidão	Contentamento
Carol	8 anos	Sem fala destacada	Risos, gargalhadas	Alegria	Gratidão	Diversão
Cida	8 anos	Sem fala destacada	Cochichos Inquietação	Alegria	Sem identificação	Excitação
Perla	8 anos	Cochichava com as colegas ao seu lado	Cochichos Desenho de João e Maria de mão dadas	Alegria	Ansiedade	Entusiasmo
Camila	8 anos	Cochichava com a colega	Tarefa: coração sem pintar, detalhista	Alegria	Sem identificação	Satisfação
Manuel	8 anos	Mudo e Deficiente Parcial Auditivo	Franzia a testa, arregalava os olhos, batia palmas	Alegria	Ansiedade	Euforia
Paulo	8 anos	“Perdeu-se na praia”. “Isso dá medo”	Franziu a testa	Medo	Ansiedade	Temor
André	8 anos	“Meu pai perdeu o emprego. Agora só faz “bicos”.	Carinha triste	Tristeza	Esperança	Autocompaixão
Antony	8 anos	Balbuciava, Resmungava	Franzia a testa	Raiva	Ansiedade	Alívio
Pedro	8 anos	“Eu sei a diferença de contos e fábulas”	Balançava as penas. Interrompia	alegria	Ansiedade	Fascinação
Silas	7 anos	Sem fala destacada	Desenho nebuloso	Tristeza	Compaixão	Pena
José	8 anos	“Tudo culpa daquela madrastra”	Cerrava os punhos, franzia a testa	Raiva	Ansiedade	Hostilidade

Fonte: Criação da própria autora

4.1 Primeira categoria: As Emoções identificadas através das falas das crianças.

Nessa primeira categoria, vamos apresentar as falas mais expressivas com relação as emoções das crianças que participaram da contação de história. É importante destacar que foram escolhidas as falas mais significativas.

Vamos iniciar com a fala de uma criança durante os momentos iniciais da apresentação da história e seus autores, no momento em que a professora perguntou se alguém conhecia a história João e Maria, obtendo como resposta que 19 crianças já ouviram a história na escola ou com algum parente, outros 7 menores assistiram em desenhos e 4 meninas disseram que

nunca ouviram falar e destacou o nome dos irmãos Grimm como autores, a criança Pedro, 8 anos, fala:

“Professora! Eu conheço outros contos dos irmãos Grimm e sei a diferença entre conto e fábula”

“...Os contos são quando se conta uma história e fábula é quando na história tem animais que falam, como o cachorro, como o urso, coisas assim!”

Essa satisfação em mostrar para a turma que sabia sobre a história e os autores, nos remete a importância de se trabalhar contação de história com as crianças desde cedo para a aprendizagem, formação como leitor em um infinito de descoberta e compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1997).

Esse orgulho demonstrado pelo aluno Pedro, é apresentado por Elisa Gonçalves (2017) como uma Emoção Autoconsciente que se refere a uma avaliação de valorização positiva de si mesmo. Nesse sentido, podemos reconhecer que quando o aluno Pedro fala para toda turma com orgulho e segurança a diferença dos dois conceitos, conto e fábula, demonstra uma satisfação e empolgação em si.

Outro destaque, foi no momento da história em que o lenhador passava por dificuldades com sua esposa, juntamente com João e Maria, essa situação trouxe muita tristeza na fala do menino Andre, 8 anos, que exclamou:

“Professora! Minha família também passa dificuldades, depois que meu pai perdeu o emprego. Agora ele só faz “bicos” ...”

O desabafo do menino André corrobora com Souza e Bernardino (2011) quando afirmam que ouvir histórias aflora sentimentos vivenciados no dia a dia das pessoas, fazendo com que a criança citada anteriormente, compartilhe suas dores e medos com seus colegas da turma.

Nesse sentido, Gonsalves Possebon (2017) enfatiza que as emoções estão aliadas com movimentos internos que são estimulados por situações que afetam a alma do ser humano. Foi o que observamos na fala do André, a partir do estímulo do sofrimento expressado pela dificuldade dos pais de João e Maria, ele apresenta empatia a situação da história e compartilha a dificuldade da sua família com todos na sala de aula. É importante destacar que essa situação calçou comoção nas demais crianças. Enquanto André contava a sua situação, uma tristeza foi observada em outras crianças causando compaixão em todos na sala.

Uma das emoções básicas dos seres humanos é a tristeza, que nos permite experimentar situações frustrantes e dolorosas na vida, como também, está muitas vezes acompanhada de perdas, ou o que temos de valor, tais como: saúde, saúde e situações familiares (GONSALVES e MELO, 2015).

A tristeza é uma das seis emoções básicas mencionadas por Elisa Gonçalves que nos diz:

As emoções básicas são inatas e estão presentes em todas as culturas, revelando um padrão universal biológico de resposta, claramente identificado através do comportamento, da ativação corporal e da expressão facial. (POSSEBON, GONÇALVES 2017, p. 66, 67).

Outra emoção que vem à tona estimulada pela narrativa entusiasmada pela voz da Professora Leonora sobre o sofrimento da família de João e Maria, é a raiva, nas palavras de José de 8 anos, ao dizer:

“Tudo culpa daquela madrasta”

O murmurar de Antony, 8 anos, naquele momento também nos indicou a emoção raiva. Essa emoção se inicia quando sentimos ameaças ou tudo que nos causa indignação, irritação, frustração e está inteiramente ligado ao que julgamos importante pra nós. A raiva surge em várias ocasiões dependendo da leitura que o indivíduo faz daquilo que o afeta (GONSALVES e SOUZA, 2015). Percebe-se a partir das falas e murmurinhos de José e Antony, que a madrasta era o principal motivo de João e Maria serem abandonados na floresta. Enquanto outras crianças fizeram uma leitura diferenciada da situação, apontando como motivo as dificuldades financeiras que a família enfrentava, murmurando:

“Não! Era porque eles não tinham comida”

“Chiu chiu chiu chiu...”

“Não, eles não tinham”

As palavras de Gonsalves e Souza (2015, p. 17) nos dizem claramente o significado dessa emoção, a raiva, vejamos:

Ela é um estado emocional de excitação, uma resposta de irritação, de fúria, de ira de raiva, de cólera e é produzida quando nos sentimos feridos ou ameaçados. Assim, a raiva é uma emoção que vem de um sentimento de protesto, insegurança, timidez ou frustração, conta alguém ou alguma coisa.

Outra ocasião marcante durante a contação da história, foi o momento onde João e Maria estavam sozinhos no meio da floresta escura, quando Pedro outra vez interrompeu dizendo:

“Professora! Isso dar medo, porque eu já me perdi na praia”.

Em seguida várias crianças começaram a falar ao mesmo tempo, querendo contar suas experiências em ter se perdido em algum momento de seus pais ou responsáveis. Mais uma vez a história foi interrompida, murmurinhos e cochichos entre as crianças, cada um queria contar para ao outro como se perdeu e o que fez na hora do medo. Nesse instante, Joana, 8 anos, levanta a mão e fala:

“Professora! Eu me perdi no supermercado! Chorei muito e uma senhora pediu para chamar minha mãe no autofalante do supermercado”.

A professora, com sua sábia experiência em contação de história, permitiu que as crianças, de maneira breve, contassem como se perderam, como se sentiram e como foi o reencontro com seus pais ou responsáveis.

A construção da identidade e da autonomia das crianças estão fundamentadas nos processos de socialização, através das histórias, dos lugares e do mundo natural como um todo, é o que defende o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI.1998).

A leitura em sala de aula conduz o leitor/ouvinte a entrar em contato com textos de qualidade, aumenta o repertório de textos conhecidos, amplia a capacidade de se expressar em público a partir de sensações, sentimentos, ações e vivenciar situações significativas de interação por meio da leitura (SOUZA e BERNARDINO, 2011).

Abramovich (1997) afirma que durante o ato da contação de história, as crianças costumam se colocar no lugar dos personagens da história, podendo escolher ser o mocinho, o vilão, o herói podendo externar seus sentimentos ajudando-os a vencer medos e timidez. É o que ocorreu no momento em que as crianças Pedro e José, ambos de 8 anos, sobre o momento do conto em que João e Maria encontram a casa de doces e chocolates, com grande animação disseram:

*“Eu começaria comendo o telhado de bolo!” (Pedro).
“Ah! Eu comeria as paredes de chocolates” (José).*

Contar história, de fato instiga a interação e as mais diversas emoções nos ouvintes, podendo desencadear emoções primárias ou secundárias. Constatamos isso nas falas de Alice e Joana, com 8 anos, quando ao final da contação da história falaram:

“Obrigada!” (Joana)

“Obrigada professora! A senhora pode vir de novo?” (Alice).

Encontramos nesse contexto, a satisfação e gratidão, emoções secundárias, também conhecidas como derivadas ou sociais. Gonsalves Possebon (2017, p.72, 73) declara:

As emoções secundárias estão relacionadas exclusivamente com a interação social, como por exemplo, a vergonha, a culpa, ternura, a empatia, o altruísmo. Estas emoções são muito importantes na sociedade e frequentemente são confundidas a emoções básicas, porém, do ponto de vista biológico, para se considerar uma emoção básica é fundamental que ela seja universal, o que não acontece aqui, pois não atinge todos os animais, do seu nascimento até a morte como também varia de sociedade para sociedade.

Com as falas das crianças durante a contação de histórias percebemos que os seres humanos são uma mistura de sentimentos, pensamentos e emoções que formam uma unidade tendo o poder de interferir no modo de ser e agir de um indivíduo. São as emoções e não os sentimentos que surgem a partir de um estímulo como nos diz Gonçalves Possebon (2017, p. 23 e 24): “A emoção é uma reação intensa e relativamente breve que surge a partir de um estímulo, gerando movimentos expressivos e causando sensações corporais. A emoção depende de avaliações subjetivas, isto é, depende da forma como a pessoa percebe que o estímulo vai afetar seu bem-estar”.

4.2 Segunda Categoria: Expressões faciais e corporais observadas durante a contação de história.

Na **segunda categoria** identificamos emoções através de comportamentos, gestos corporais e expressões faciais das crianças que são movimentos espontâneos, indicadores de várias emoções como: alegria, medo, tristeza, raiva, surpresa, gratidão e ansiedade.

As expressões corporais mais observadas foram: cerrar os punhos, roer unhas, balançar as pernas, apertar as mãos como sinais de inquietude, relaxamento do corpo, modo de sentar, deitar-se no chão e aplausos. Já em relação as expressões faciais que foram as mais percebidas

dentro da roda de conversa, são: frangir a testa, arregalar os olhos, balbuciar, risos, gargalhadas e cochichos.

Nos momentos do relato da história João e Maria, ao se referir sobre a bruxa malvada que comia criancinhas, algumas crianças demonstravam expressões de raiva. Foi o que ocorreu com Silas, menino de 7 anos, que cerrava os punhos e franzia a testa em demonstração de raiva para com aquela velinha cruel.

Para Frazzetto (2014), a emoção raiva tem a característica de ser impulsiva e espontânea, podendo ser expressa por explosões repentinas, porém, pode ser também, silenciosa e premeditada, lúcida e controlada. Podemos identificar em Jonas, através das suas expressões uma raiva silenciosa e controlada.

Manuel de 8 anos, menino mudo e com Deficiência Auditivo Parcial, ora ficava absorto, ora arregalava os olhos para a interprete de Libras e pedia que o atualizasse sobre a história. Vez ou outra, solicitava a contadora, através de expressões corporais, para ver as gravuras do livro, demonstrando interesse no que estava acontecendo.

Esse fato nos faz corroborar com a afirmação de Ribeiro (2010) onde defende que mesmo com o passar dos anos e o avançar da tecnologia, acelerando os sentidos auditivos, visuais, táteis e sensórios motores, como também, a inteligência, contar história de maneira tradicional continua sendo feita por trabalhadores da educação e alguns profissionais de outras áreas.

Em algum momento da história, percebeu-se uma inquietude nos gestos das crianças, onde roíam as unhas, cruzavam os braços, as pernas, sentavam-se, apoiar-se nos antebraços e até deitaram no chão, essas expressões foram identificadas como demonstração de ansiedade.

Podemos entender a ansiedade como uma percepção de agitação pessoal, que normalmente está associada com preocupações e o que pensamos ou poderemos vir a pensar (GONSALVES, CARNEIRO e MELO, 2015).

Durante a contação de história é importante deixar as crianças expressarem suas e reações livremente, corroborando com Busatto (2006 p.128) ao dizer: “Elas não têm que ficar quietas, paralisadas, as crianças, assim como qualquer outra pessoa que ouve uma história, tem o direito de manifestar o que estão sentindo, isso que dá a beleza e sentido ao que está sendo dito”.

Os risos, gargalhadas e os murmurinhos de comemoração quando a bruxa foi eliminada da história, trouxe um momento de euforia, satisfação e diversão, para todos. De fato, as crianças estavam vivenciando exatamente as emoções advindas da alegria. Foi um momento de

torcida, de empatia em favor de Joao e Maria, que será inesquecível, constatando o que diz Abramovich, (1997, p. 24):

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores, é encantamento...e ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas que uma boa história provoca, (desde que seja boa).

A alegria estava no ar, rostinhos satisfeitos foram vistos tanto nos meninos como nas meninas, ao ouvirem sobre o reencontro de João e Maria com seu pai. Esse momento de reencontro, para as crianças que já passaram pela experiência de se perderem de seus pais e responsáveis em supermercado, praia e outros lugares citados na roda de conversa, teve mais significado de alívio e contentamento. Essa reação das crianças ao final feliz do conto João e Maria está em conformidade com Ribeiro (2010, p. 8) que afirma: “através das histórias a criança sente diferentes emoções como alegria, medo, tristeza, bem-estar, insegurança, entre tantas outras, e assim ela aprende a lidar com seus sentimentos da sua maneira”.

Um outro momento de alegria entre as crianças, se deu ao verem a casinha de doces confeccionada pela graduanda. Carinhas de surpresa, gestos de empolgação foram bem expressivos e notórios. Alguns não acreditavam que podiam comer as guloseimas e levar para casa. Aumentou-se ainda mais o contentamento, quando foram incentivados a fazerem troca de pirulitos de acordo com seus sabores preferidos. Foi um momento de festa para todos.

Ao ouvir uma história é possível deixar aflorar as emoções, porém se o contador de histórias não efetuar com prazer, nem aceitar que o aluno expresse suas emoções, a contação passará a ser vista como uma leitura obrigatória. No entanto a história pode permitir trabalhar as emoções quando trazidas para o dia a dia da realidade das crianças (ABROMOVICH, 1997).

Observou-se ao longo da roda de conversa, dentro da contação de história, que Mara, a menina acanhada que não esboçava nenhuma reação, nem tristeza, nem alegria, nem surpresa, nenhuma satisfação na fala ou expressões que pudessem ser registrados como emoção. Mas ao ser contemplada, no final da história, com o prêmio por ouvir a história e não roubar a atenção dos colegas, foi notório seu lindo sorriso de satisfação e gratidão.

Por fim, é importante destacar o comportamento de Mara, evidenciando o quanto os professores/contadores podem contribuir com o desenvolvimento emocional das crianças

através da interação, da socialização e da aprendizagem mútua no convívio do dia a dia por meio da contação de histórias.

Embora saibamos que a área da Educação Emocional ainda está em crescimento e que nem todos despertaram para o campo emocional, esse episódio com Mara, nos mostra que para educar requer do docente conhecimentos que vão muito além da formação básica. É necessário trabalhar a Educação Emocional com os docentes, com os profissionais da educação e em toda sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecendo a relação dos dados analisados com as afirmações feitas pelos autores citados, constatou-se através das falas, expressões faciais das crianças, várias emoções vivenciadas no decorrer da atividade. Os alunos demonstraram espontaneamente, cada um dentro do seu jeitinho de ser, o que haviam visto, vivido e sentido naquele exato momento, emoções como: alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa, gratidão e ansiedade.

Sabendo-se que a escola é um lugar de relações interpessoais e também um lugar de conflitos internos e externos. Sendo assim, a partir dessa constatação a identificação de emoções a partir da contação de história, evidencia-se a necessidade de se trabalhar Educação Emocional desde cedo, dentro e fora do ambiente escolar. Podendo ajudar as crianças não apenas no processo de aprendizagem da leitura oral e escrita, mas, como serem pessoas emocionalmente saudáveis.

Abraçando o exercício da leitura e contação de história para as crianças no ambiente escolar, os profissionais da educação, demonstram um elo de afeto para com elas, trazendo naturalmente a comunicação, amorosidade e satisfação entre o leitor e os ouvintes de forma especial e marcante para ambas as partes.

Acreditamos que este trabalho, terá muita utilidade para outros professores/contadores, confiando que a contação de histórias para crianças vai muito além de um mero entretenimento para manter as crianças quietas.

Como professores/contadores, nos cabe a responsabilidade de nos prepararmos para sala de aula, visando criar um ambiente de afeto, aprendizagem e emoções saudáveis, compreendemos que se faz necessário entender a necessidade da Educação Emocional nas escolas, na sociedade e nas instituições como algo inovador que só trará benefícios para todos. Uma comunidade escolar que trabalha as emoções de suas crianças e as educa emocionalmente, saberá conduzir e evitar possíveis conflitos.

Acreditamos que através desse trabalho é possível que outras pessoas, docentes ou não compreendam o prazer de ler, de narrar, de contar histórias como estratégia para trabalhar a Educação Emocional, um processo valioso dentro e fora do contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo. Scipione, 1997. Págs.17-140.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar** – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: 2003. Editora Vozes. 4 ed. Pág.45.

BUSATTO, Cleo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**: Tradição e Ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.

BARROSO, Sheila Costa Chaves. **A Contação de História como Recurso Pedagógico no Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil**. 2018.

BISQUERRA, Rafael Alzina. **Educación Emocional y Competências Básicas para La Vida**. Revista Investigación Educativa, 2003, Vol. 21, nº 1, pág.7.

CORALINA, Cora. livro “Vintém de cobre: meias confissões de Aninha”, 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997. <<https://www.revistaprosaversoearte.com/cora-coralina-poemas>>. Acesso em: 20/06/2019.

CARÍCIO, Márcia Rique. **Educação Emocional e Enfermagem**: contribuição para um Ato de Trabalho Integral e Afetuoso na Saúde. João Pessoa-PB. UFPB. 2016. Pág.23.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: livro 2009. Pág.214

COELHO, Betty. **Contar Histórias**: uma arte sem idade. São Paulo. Editora Ática.2003.

DAMÁSIO, António R. **Em busca de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Pág.62.

FRAZZETTO, GIOVANNI. ALEGRIA, CULPA, RAIVA, AMOR: O QUE A NEUROCIÊNCIA EXPLICA E NÃO EXPLICA SOBRE NOSSAS EMOÇÕES E COMO LIDAR COM ELA. 2014. EDITORA EGIR.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 1996. São Paulo: Paz e Terra. Págs.59- 61. 25ª Edição (Coleção Leitura).

GONSALVES e LIMA, **O Livro das Emoções**: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Editora CRV. Curitiba- Brasil 2015. Págs. 9-65.

GONSALVES, Elisa Pereira, **Educação e Emoções**. Editora Alínea, Campinas, SP, 2015. Págs.28 e 49.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Emocional: uma introdução**. GRUPEE, João Pessoa. PB. 2015. 8- 19.

GONSALVES, CARNEIRO e MELO, 2015. Pág.75).

MARCONI, M. A., & LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. pág.165 e 166.

MATEUS, A.N.B.; SILVA, A.F.; PEREIRA, E.C.; SOUZA, J.N.F.; ROCHA, L.G. M. OLIVEIRA, M.P.C. SOUZA, S.C. A Importância da Contação de História como Prática na Educação Infantil. 2013. **Revista Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.5, nº1.

MOREIRA, Jean. **A Arte de Contação de Histórias**. 2016.

Disponível em <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-poliedro/a-arte-da-contacao-de-historias/>> Acessado em 28/08/2019.

POSSEIBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções**: uma introdução, Joao Pessoa: 2017. Editora Libellus.Vol.1. Págs.16-78.

POSSEIBON, Elisa Gonsalves. **A Palestra Educação Emocional e Práticas Pedagógicas**.

João Pessoa. 2018.Universidade Federal da Paraíba. 2018. Disponível em

<https://www.youtube.com/results?search_query=Entrevista+elisa+possebom+universidade> Publicado em 16/09/2018. Acessado em: 20/10/ 2020.

SCHNEID. Jucelma Terezinha Neves. **Hora do Conto**: uma experiência maravilhosa.2008.

Disponível:<http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/hora_do_conto_uma_experiencia_maravilhosa>. Acesso em 20/06/2019.

RIBEIRO, Elisa. **A Contribuição da Contação de História para a Aprendizagem na Educação Infantil**. 2010.

Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/disciplina/contacao-de-historia/>> Acessado em: 15/07/2019.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. **Introdução. Formação Pessoal e Social**. 1998. Vol.2. Pág.11. Disponível em: <ebeativo.com.br/rcnei-referencial-curricular-nacional-para-a-educacao-infantil-vol-2-o-que-voce-precisa-saber> Acessado em 13/08/2019.

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil no Brasil.1998. Vol.3 págs. e 141-145. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>, Acesso em 13/08/2019.

SOUZA, Franciele Ribeiro de; STRAUB, Sandra. Luzia. A Arte de Contar Histórias Educação Infantil. 2014. **Revista Eventos Pedagógicos** v.5, n.2 (11. ed.), pág. 126.

Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15217/1/PDF>>. Acessado em 22/06/2019.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andrezza Dalla. **A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. 2011, vol.6, nº 12. Disponível em: <Educare et Educare/ Revista da Educação.> Uninove-SP.

SOUZA, Renata Junqueira. MOTOYAMA, Juliane Francischeti Moura. SILVA, Valéria Santos. VAGULA, Vânia Kelen Belão. **A Arte da Narrativa na Infância:** práticas para o teatro, a leitura e a contação de história. 2015. Campinas, SP. Mercado de Letras. Págs. 41- 52.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introduzindo a pesquisa em ciências sociais – pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A

REQUERIMENTO À COORDENAÇÃO DO CURSO PEDAGOGIA



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Coordenação do Curso de Pedagogia



REQUERIMENTO

Ao Coordenador do Curso de Pedagogia

Eu, Elaine Freire das Neves,
aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade
Federal da Paraíba, conforme matrícula 11227790, e residente
Rua: M^a do Carmo Guedes da Silva N: 77 AP^{to} 203
Bairro: José Américo, Cidade João Pessoa, telefone(s) 9.8702.2045
e-mail elaine.freire@gmail.com
Área de Aprofundamento EJA

venho requerer a Vossa Senhoria:

A confirmação da professora
Nárcia Rique Farias (com lotação na Escola Téc-
nica de Saúde - EPS) como Orientadora no
meu TCC no período 2019-1. Em anexo enca-
minho o Termo de Aceite em Orientação já
assinado pela professora. Informo que o compo-
nente TCC-1 é minha única pendência para con-
cluir o curso.

Recbido em 28/05/19

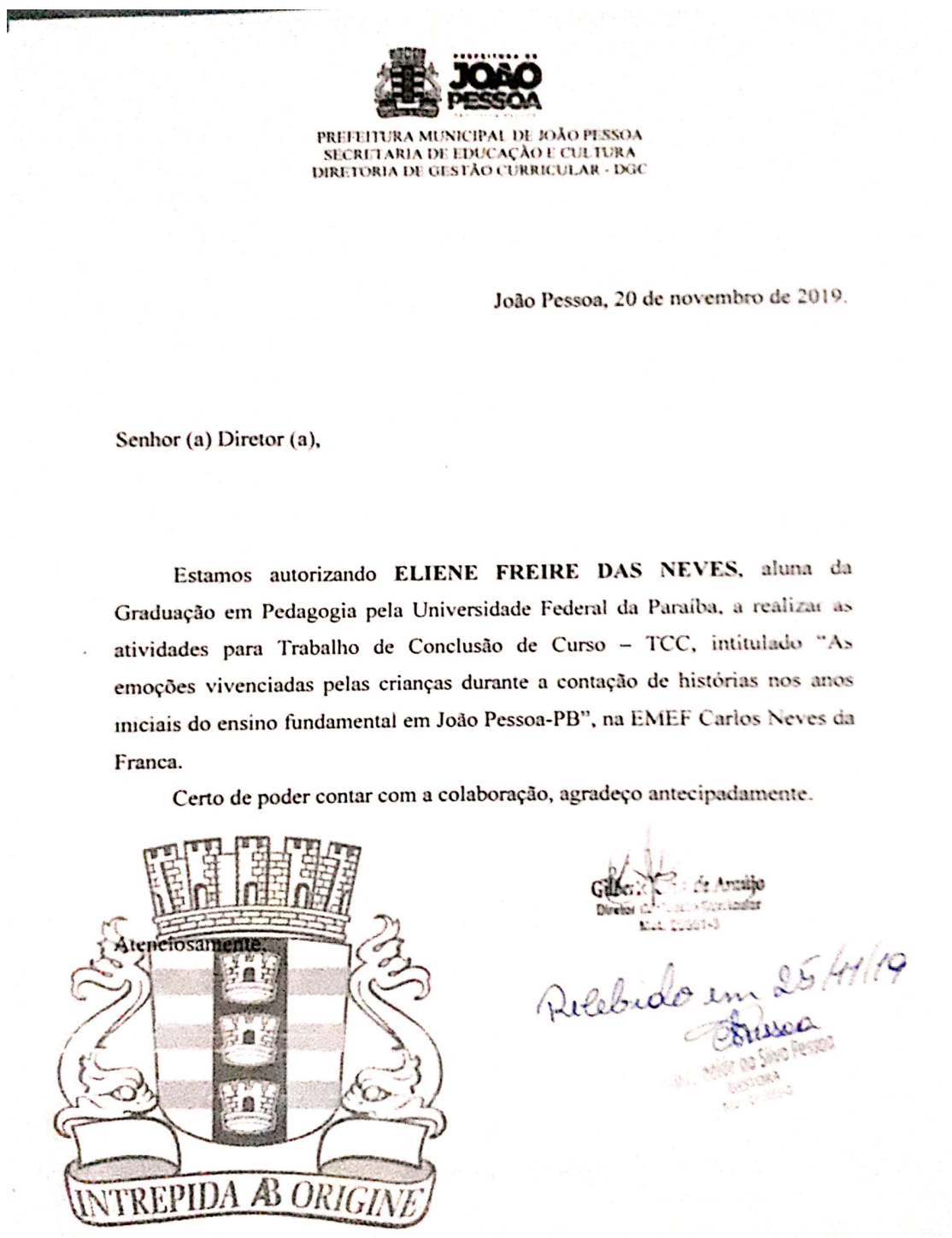
Gabriela de C. Leite
Gabriela de Carvalho Leite
Técnica em Assuntos Educacionais
Coordenação do Curso de Pedagogia
UEPB/CE - Matr. SIAPE 1761067

João Pessoa, 28/05/2019

Elaine Freire das Neves
Assinatura do(a) aluno(a)

APÊNDICE B

AUTORIZAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB.

APÊNDICE C**REQUERIMENTO À ESCOLA CARLOS NEVES DA FRANCA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

REQUERIMENTO

Direção da EMEIEF Carlos Neves da Franca.

Eu, Eliene Freire das Neves, responsável pelo Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB, venho pelo presente, solicitar à Direção da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Carlos Neves da Franca, autorização para a concessão do contato com os alunos que estudam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nessa Instituição para realizar o Trabalho de Conclusão de Curso-TCC sob o título **“AS EMOÇÕES VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS DURANTE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM JOÃO PESSOA-PB”**, com o objetivo de identificar as emoções vivenciadas em crianças no processo de contação de histórias, para desta forma, trabalhar as emoções em uma perspectiva de aprendizagens, bem-estar pessoal e social, orientada pela Professora Dra Márcia Rique Carício (marcia.rique@gmail.com).

Atenciosamente,

João Pessoa, 06 de novembro de 2019.

Eliene Freire das Neves
Eliene Freire das Neves – Graduanda-UFPB
Responsável pelo TCC

Márcia Rique Carício
Márcia Rique Carício – Profª. Dra. da UFPB
Orientadora do TCC

Recebido em 25/11/19

Cláudia da Silva Pessoa
GESTORA
11.11.2019

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PROFESSORA DA ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PROFESSORA DA ESCOLA

Eu, Eliene Freire das Neves, responsável pelo Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPB, venho por meio deste, solicitar sua participação em meu Trabalho de Conclusão de Curso II sob orientação da Professora Dra Márcia Rique Carício (marcia.rique@gmail.com).

Este trabalho tem por título **“AS EMOÇÕES VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS DURANTE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM JOÃO PESSOA-PB”**, com o objetivo de identificar as emoções vivenciadas em crianças durante o processo de contação de histórias, para desta forma, trabalhar as emoções em uma perspectiva de aprendizagens, bem-estar pessoal e social.

Para tanto, a coleta de dados consistirá apenas em observar as crianças enquanto ouvem a história contada pela professora desta Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Carlos Neves da Franca

Pelo presente **Termo de Consentimento**, declaro que autorizo minha participação nesse trabalho, pois fui informado(a) de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento do procedimento que será realizado para a coleta das informações acima mencionado.

Atenciosamente,

Data: 25 / 11 / 2019

Assinatura do(a) Professor (a): Marcia Rique Caricio

RG do(a) Professor (a): 1370074

Assinatura da graduanda: Eliene Freire das Neves
217575-3

Fonte: produção da graduanda

APÊNDICE E

TERMO DE NÃO DIVULGAÇÃO DE IMAGENS

TERMO DE NÃO DIVULGAÇÃO

Eu, Eliene Freire das Neves, portadora do CPF 025.096.784-77 e estudante concluinte do curso de Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba declaro para os devidos fins não divulgar, sem autorização, quaisquer informações dessa propriedade em nenhum meio de comunicação, imagens e filmagens das crianças do segundo ano "E" dos Anos Iniciais Ensino Fundamental envolvidas neste TCC- Trabalho de Conclusão de Curso que tem por título **"AS EMOÇÕES VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS DURANTE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM JOÃO PESSOA-PB"**, tendo como orientadora a Professora Dra. Márcia Rique Carício (marcia.rique@gmail.com) com o objetivo de identificar as emoções vivenciadas em crianças durante a atividade de contação de histórias, para desta forma, trabalhar as emoções em uma perspectiva de aprendizagens, bem-estar pessoal e social.

Esta atividade será realizada em sala de aula no dia 06/12/2019 na EMEIE- Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental (Escola Pública Municipal).

Por ser a expressão verdadeira, assumo responsabilidades pela declaração acima.

Eliene Freire das Neves - Efn

Graduanda UFPB-Pedagogia

João Pessoa, 06 de dezembro de 2019.

Fonte: Produção da graduanda

APÊNDICE F

PLANO DE AULA

Conto de Fadas: Joao e Maria

Área de conhecimento: Interpretação de texto e noção de matemática, .

Turma: 2 Anos Iniciais do Ensino Fundamental I

Período: 1 aula (3horas)

Objetivos:

- Interpretação de texto e percepção.
- Identificar emoções durante a conotação da história.
- Interação com o máximo de alunos.

Objetivos Afetivos:

- Refletir sobre as dificuldades que muitas famílias passam.
- Fortalecer laços de amizade e carinho com irmão e amiguinhos.
- Refletir sobre o companheirismo
- Favorecer reflexões sobre medo e coragem
- Instigar as crianças a falar sobre o que sentiram sem ser necessário perguntar.

Recursos:

- Uma casinha de papelão, isopor, cartolinas coloridas, tesouras sem ponta, lápis de cor
- Diversos doces: pirulitos (evitar as “pelotas”) bombons mastigáveis, balinhas de goma (jujubas) confetes e bombons grandes de chocolate.
- Desenhos dos personagens Joao, Maria e a bruxa para pintar, recortar e colar em um pirulito.

Metodologia:

- Roda de conversa explorando aspectos como:
- Apresentar o livro para os alunos, explorando a capa e o nome do autor.

- Identificar as características dos personagens: antes de ler a história de João e Maria, aproveitar para levantar o conhecimento que os alunos têm sobre esses personagens, onde já ouviram a história.
- Após contar a história, formar uma roda de conversa com as crianças lembrando alguns momentos emocionantes da história.
- Incitar os alunos a comentarem a história, conversar sobre a família citada na história; quem faz parte? Quais seus nomes?
- Quais emoções podemos sentir ao convivermos uns com os outros? (Alegria, raiva, medo, tristeza); deixar que debatam sobre esta conversa motivando-os sempre a falar o que sentem e o que sabem em sua vivência.
- Qual era a dificuldade que a família estava enfrentando. Qual foi a ideia da madrasta?
- A união e solidariedade durante as dificuldades.
- A volta para casa e o momento de reencontro com o pai.

Culminância:

- Será feita a distribuição de pirulitos personalizados com desenho de João e Maria de acordo com o sexo da criança.
- Cada criança poderá ir uma de vez pegar na casinha os doces de sua preferência, sendo orientada a não comer tudo de uma vez, podendo então levar para casa ou tocar com os coleguinhas seus sabores preferidos de doces.
- Após a roda de conversa será feita uma atividade de matemática para contar quantos doces diferentes tem na galeria, anotando o número de cada guloseima. Os doces poderão ser pintados.
- Distribuir papel ofício para que cada um coloque seu nome, desenhe o que mais lhe chamou atenção na história e depois pinte bem bonito

(Autoria da graduanda)

ANEXO I

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DocuSign Envelope ID: CA7A07CD-6E71-4945-A4A7-E1488BA1D917

	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
---	---

ATA DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO DO TRABALHO:
AS EMOCÕES VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DURANTE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

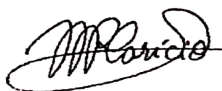
AUTOR(a):
ELIENE FREIRE DAS NEVES

Em sessão pública realizada a partir das 10:30 horas, por vídeo chamada do Whatsapp, com os participantes em suas residências, após a apresentação do trabalho, o(a) aluno(a) foi arguido(a) pela banca examinadora, a qual, avaliando o texto escrito, a exposição oral e a defesa argumentativa, considera a Monografia APROVADA, com Nota Final 9,5.

(provada/reprovada)

BANCA EXAMINADORA (Titulação/Nome)	CRITÉRIOS	
	Trabalho Escrito/ABNT (0 a 8)	NOTA
Orientador: Profa. Dra. Márcia Rique Carício	Trabalho Escrito/ABNT 7,5 Apresentação Oral 2,0	9,5
Examinador 1: Profa. Dra. Taísa Caldas Dantas	Trabalho Escrito/ABNT 7,5 Apresentação Oral 2,0	9,5
Examinador 2: Profa. Dra. Maria Claurênria Abrel	Trabalho Escrito/ABNT 7,5 Apresentação Oral 2,0	9,5
MÉDIA FINAL		9,5

Parecer da Banca: O Trabalho de Conclusão de Curso apresenta relevância com um tema atualizado. É necessário realizar alguns ajustes no marco teórico e na metodologia, como também passar por uma revisão ortográfica.



Professor(a) Orientador(a)

DocuSigned by:

Taísa Caldas Dantas

1C34351006D044C8

Examinador 1

Maria Claurênria Abrel de A. Silveira

Examinador 2

Acadêmico (a): Elíene Freire das Neves Matrícula: 15297790
 (Assinatura)

Data da Defesa: 06 de abril de 2020.

ANEXO II

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Coordenação do Curso de Pedagogia

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DE TRABALHO

(Lei nº 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a Legislação sobre Direitos Autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pag. 3).

Estudante: Elieze Freire das Neves.

Matrícula: 11227790

Título do trabalho: Contação de Histórias nas Aulas Iniciais: Vivenciando Emoções

Declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos previstas no REGULAMENTO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO CURSO DE PEDAGOGIA. As citações e paráfrases estão indicadas e apresentam a origem da ideia do/a autor/a com as respectivas obras e anos de publicação. Caso não apresentem estas indicações, ou seja, caracterize crime de plágio, estou ciente das implicações legais decorrentes desse ato.

O Código Penal em vigor, no capítulo que trata dos crimes contra a propriedade intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral:

Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos:

Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.

§ 1º Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem o representante:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

§ 2º Na mesma pena do § 1º incorre quem, com intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

Declaro, ainda, ser de minha autoria e de minha inteira responsabilidade o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

João Pessoa - PB, 06 de abril de 2020.

Elieze Freire das Neves. Efu

Assinatura do (a) Estudante

ANEXO III

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO NA BIBLIOTECA DIGITAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.**


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
 CE - Campus I - Cidade Universitária - CEP: 58.059-900
 Fone: (083) 3216-7480 – João Pessoa-PB

Termo de Autorização para Publicação na Biblioteca Digital da UFPB

Curso de Graduação: Scienciatura em Pedagogia

1. Ano/semestre de conclusão do curso: 2019-2

2. Identificação do trabalho / autor:

Título: <u>Pontuação de Histórias nos Anos Iniciais: Valorizando Emoções.</u>	
Autor(a) do TCC: <u>Elizene Freire das Neves</u>	
RG: <u>237575-3</u>	CPF: <u>025.036.784-77</u>
Telefone: <u>83-98702-2045</u>	Email: <u>elizene.freire@gmail.com</u>
Professor(a) Orientador(a)	
<u>Márcia Rique Parício</u>	
RG:	CPF:
Telefone: <u>83-99984-2046</u>	Email: <u>marcia.rique@gmail.com</u>
Banca Examinadora	
<u>Profa. Dra. M^a Glauzênia Albuquerque de Andrade Silveira</u>	
<u>Profa. Dra. Taisa Galvão Dantas</u>	

3. Identificação do TCC:

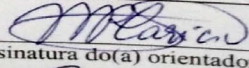
Entregue em Mídia DVD ()	Formato PDF (X)
Total de Páginas: <u>74</u>	Data da Aprovação: <u>06/04/2020</u>
Data da entrega da cópia do trabalho na versão final corrigida: <u>04/07/2020</u>	

3. Declaração do autor:
 Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9610/98, autorizo a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinadas acima, do trabalho em meio eletrônico, na Rede Mundial de Computadores, no formato especializado, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPB, a partir dessa data.

ANUÊNCIA DO(A) AUTOR(A)

<u>Elizene Freire das Neves</u> Assinatura do(a) autor(a) <u>João Pessoa, 06 de abril 2020.</u> Local e data

ANUÊNCIA DO(A) ORIENTADOR(A)

 Assinatura do(a) orientador(a) <u>João Pessoa, 06 de abril 2020</u> Local e data
--

Fonte: Modelo da coordenação do curso

ANEXO IV**NADA CONSTA BIBLIOTECA CENTRAL/UFPB**

SISTEMA DE BIBLIOTECAS INTEGRADAS
DECLARAÇÃO DE ENCERRAMENTO DE VÍNCULO
MATRÍCULA: 11227790 (*identificador*)
USUÁRIO: S.r.(a). ELIENE FREIRE DAS NEVES
VÍNCULO DO USUÁRIO: ALUNO DE GRADUAÇÃO
CENTRO: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO: PEDAGOGIA

Declaramos, para os devidos fins, que em nome do usuário(a) supracitado(a), não existem débitos nas bibliotecas da UFPB feitos com o vínculo ALUNO DE GRADUAÇÃO acima mostrado.

Esse vínculo foi encerrado e não poderá mais ser usado para realizar empréstimos.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse

<https://sigaa.ufpb.br/sigaa/documentos/>

informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **a1f30bf705**

SIGAA | Copyright © 2006-2020 - STI - Superintendência de Tecnologia da Informação -
UFPB - - producao_sigaa-

08/07/2020 16:24

ANEXO V

FOTO DA GRADUANDA COM A PROFESSORA E A INTERPRETE DE LIBRAS

À esquerda Interprete de LIBRAS Rejane, no centro a graduanda e à direita professora Leonora.



Fonte: Arquivo da graduanda